



Boletim

Agropecuário

Nº 158, jul./2026



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola

Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária
Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabírcia Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Éverton Blainski
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 158, jul/2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing
Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Lillian Bastian
Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-001

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araujo

Colaboração:

Adelina Cecília de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Fabio Feltrin Fabro

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

Diagramação: Sidausa Lessa Graciosa

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: jul/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri



Sumário

Fruticultura	7
Grãos	13
Hortaliças.....	37
Pecuária	46



Fruticultura

Banana	8
--------------	---



Banana

Rogério Goulart Junior

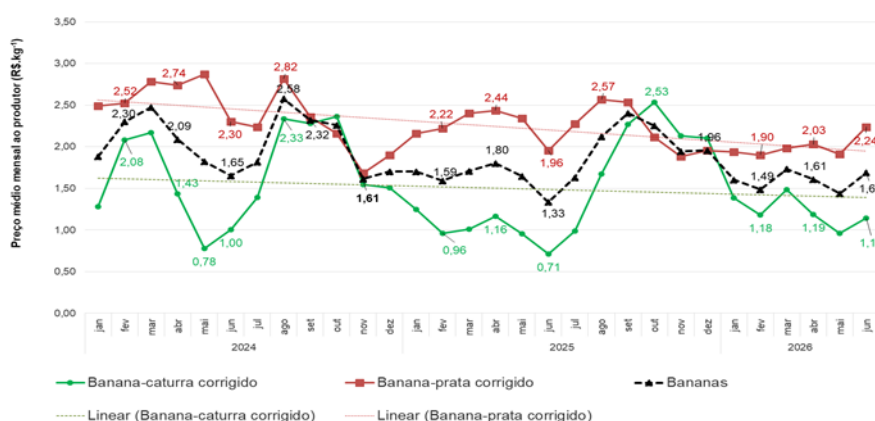
Economista, Dr. - Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

O mercado de bananas em Santa Catarina entre junho e julho de 2026 apresenta valorização de preços ao produtor da banana-caturra e valorização da banana-prata devido a ocorrência de baixas temperaturas e problemas de injúrias na fruta causada pelo aumento do frio nas regiões produtoras. No mercado nacional, as bananas-nanica e prata apresentam tendência redução na oferta nacional pressionando a valorização das cotações.

Preços e mercado estadual

Figura 1 - Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – jun./26=100).

Entre maio e junho de 2026, as cotações da banana-caturra apresentaram valorização de 18,9% devido à redução na produção de cachos nos bananais com temperaturas mais baixas. No comparativo entre junho de 2026 e os preços dos anos anteriores houve valorização de 60,1%, em relação ao ano anterior, e de 13,8%, em comparação a 2024. No 2º trimestre as cotações médias da banana-caturra foram valorizadas em 16,1% em relação ao mesmo período de 2025. No mês de junho, a expectativa é de manutenção nos preços ao produtor com a menor da oferta da fruta e menor demanda no mercado nacional.

Para a banana-prata, entre maio e junho de 2026, houve valorização de 17,0% nos preços com menor oferta da variedade no mercado. Em junho, as cotações estão 14,4% valorizadas, em relação às do mesmo mês do ano anterior, mas com desvalorização de 2,8% em comparação a 2024. No 2º trimestre as cotações médias da banana-prata estavam desvalorizadas em 8,2% em relação ao mesmo período de 2025. Em junho, a expectativa é de desvalorização nos preços da banana-prata com redução na demanda.

Na média, entre maio e junho de 2026, houve valorização nos preços das bananas, com aumento de 17,6%. Em junho as cotações estão 26,6% valorizadas em relação ao ano anterior e 2,2% em comparação a 2024. No 2º trimestre os preços estavam desvalorizados 1,0% em comparação ao



mesmo período de 2025, devido a maior oferta da fruta no mercado ocasionada pelas altas temperaturas e precipitações que se estenderam até abril e início de maio mantendo o maior desenvolvimento dos cachos e maturação das variedades nos bananais.

Tabela 1 - Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹)⁽¹⁾ nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%)
	Abr./26	Mai./26	Jun./26	Jul./26 ⁽²⁾	Jun./Mai./2026
Litoral Norte					
Caturra	1,07	0,63	0,88	1,10	39,05
Prata	2,33	2,13	2,32	2,31	8,81
Litoral Sul					
Caturra	1,30	1,30	1,40	1,90	7,69
Prata	1,73	1,73	2,16	2,51	25,00

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, jul./2026

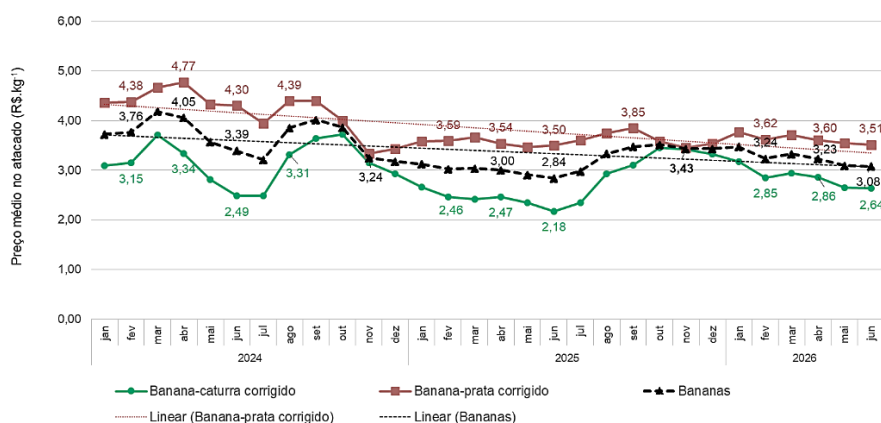
⁽¹⁾ valores em R\$/cx. 20kg transformados em R\$.kg.⁻¹.

⁽²⁾ até o dia 4 do mês.

No Litoral Norte Catarinense, entre junho e julho de 2026, houve valorização nos preços da banana-caturra com menor disponibilidade da fruta. Em junho, temperaturas baixas retardou a maturação dos cachos nos bananais. Para julho é estimada manutenção na valorização das cotações da banana-caturra, devido a menor oferta no mercado nacional; e menor valorização das cotações da banana-prata com a manutenção da redução na oferta, mas com perda da qualidade da fruta com a casca endurecida devido a ocorrência de *chilling* nos bananais.

No Litoral Sul Catarinense, a banana-prata apresentou valorização nas cotações, entre junho e julho. Em junho, a menor oferta da variedade em outras regiões manteve a elevação nos preços mesmo com menor calibre devido ao frio mais intenso com presença de geada nas regiões produtoras. Para julho é esperada valorização das cotações da banana-prata com a manutenção da redução na oferta, mas com aumento relativo na demanda pela variedade no mercado nacional.

Figura 2 - Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC



Fonte: Epagri/Cepa, 2026

Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – jun/26=100).

No mercado atacadista estadual, entre maio e junho, houve desvalorização de 0,3% nas cotações da banana-caturra, em função da menor demanda nacional da variedade; e desvalorização de



1,0% nas de banana-prata. Ao comparar o mês de junho com o do ano anterior, os preços apresentaram valorização de 21,3% para a banana-caturra e de 0,4% para a banana-prata. No 2º trimestre de 2026 as cotações médias das bananas estavam 7,5% valorizadas que às de 2025, mas 14,7% desvalorizadas em comparação a 2024.

Entre janeiro e junho de 2026, nas Centrais de Abastecimento de Santa Catarina (Ceasa-SC), o volume comercializado total de banana foi de 4.903 toneladas com redução estimada de 3,3% entre maio e junho, sendo, 72,7% de origem catarinense no período. No período foram gerados R\$18,7 milhões em valores negociados com aumento de 5,4% entre maio e junho.

No 1º semestre de 2026, na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp-SP), o volume comercializado de banana foi de 28.236 toneladas, sendo, 9,5% de origem catarinense no período. No período foram gerados R\$107,96 milhões em valores negociados com aumento de 5,4% entre maio e junho, sendo 7,9% de participação catarinense.

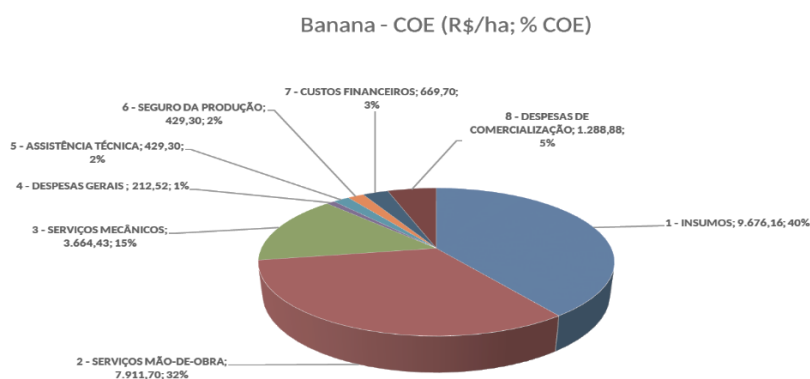
Custos de produção referenciais

A partir do projeto de pesquisa da Epagri/CEPA foi construída uma matriz de Custo de Produção Referencial para a banana seguindo a metodologia do custo operacional efetivo - COE do IEA-SP (Matsunaga *et. al.*, 1976) adaptada pela Epagri/Cepa (2021). Os dados e informações foram obtidos em Painel Regional de especialistas, em Itajaí, com a presença de produtores, representantes do setor, técnicos e pesquisadores.

A metodologia contou com a definição da propriedade modal em área (5,0 ha) e produtividade (média de 35 mil kg ha⁻¹) para a principal região produtora estadual, a caracterização do sistema de produção predominante de banana-caturra e a atualização dos coeficientes técnicos, componentes de custos e insumos utilizados na cultura.

O custo operacional efetivo (COE) referencial para a produção de banana-caturra na safra 2025/26, para a região agro do Planalto Norte Catarinense, foi de R\$24.281,98 por hectare, considerando o preço médio de venda da fruta de R\$49,10 a caixa de 20 kg conforme os preços de insumos atualizados em 2025.

Figura 3 - Banana – Custo por hectare e participação no custo operacional efetivo (COE)



Fonte: Epagri/Cepa (2026)

O Custo Operacional Total (COT) foi calculado em R\$24.836,81 por hectare, representando 28,9% do preço médio da caixa de 20 kg negociada na safra 2025/26.



A análise da estrutura de custos revela que os insumos são o principal componente operacional, com 39,8% do custo efetivo, seguidos pelos serviços de mão-de-obra (32,5%). Os serviços mecânicos representam 15,1% do custo efetivo. Nos insumos o maior destaque está nos fertilizantes, que correspondem a uma fatia de 23% dos desembolsos; enquanto, nos serviços de mão-de-obra, os tratos culturais respondem por 24,7%.

Em breve os dados e resultados da pesquisa devem ser disponibilizados em relatório com análises dos componentes de custos e indicadores econômicos-financeiros e publicados no site do Epagri/Cepa.

Comparativo e evolução de safra

Comparativo de safras – Banana total

Microrregiões	Safra 2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2023/24
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	5.354	161.492	30.163	5.177	159.809	30.869	-3,3%	-1,0%	2,3%	25,5%
Itajaí	3.919	121.993	31.129	3.944	119.190	30.221	0,6%	-2,3%	-2,9%	19,0%
Joinville	11.938	343.593	28.781	12.358	360.493	29.171	3,5%	4,9%	1,4%	57,6%
São Bento do Sul	510	14.420	28.275	510	13.012	25.513	0,0%	-9,8%	-9,8%	2,1%
Araranguá	5.329	99.952	18.756	5.775	94.092	16.293	8,4%	-5,9%	-13,1%	15,0%
Criciúma	1.318	25.316	19.208	1.320	23.014	17.435	0,2%	-9,1%	-9,2%	3,7%
Tubarão	98	1.558	15.899	95	1.039	10.939	-3,1%	-33,3%	-31,2%	0,2%
Total	28.466	768.324	26.991	29.179	770.648	26.411	2,5%	0,3%	-2,1%	100,0%
Litoral Norte	21.721	641.498	29.534	21.989	652.504	29.674	1,2%	1,7%	0,5%	84,7%
Litoral Sul	6.745	126.826	18.803	7.190	118.145	16.432	6,6%	-6,8%	-12,6%	15,3%

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

Participação da banana-caturra

Microrregiões	Safra 2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2023/24
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	4.943	152.558	30.863	4.765	151.662	31.828	-3,6%	-0,6%	3,1%	24,2%
Itajaí	3.334	110.218	33.059	3.349	107.357	32.056	0,4%	-2,6%	-3,0%	17,2%
Joinville	10.328	309.994	30.015	10.581	322.010	30.433	2,4%	3,9%	1,4%	51,4%
São Bento do Sul	320	10.240	32.000	320	8.960	28.000	0,0%	-12,5%	-12,5%	1,4%
Araranguá	1.628	35.672	21.911	1.278	25.960	20.313	-21,5%	-27,2%	-7,3%	4,1%
Criciúma	504	11.626	23.068	478	9.956	20.828	-5,2%	-14,4%	-9,7%	1,6%
Tubarão										
Total	21.057	630.308	29.933	20.771	625.904	30.134	-1,4%	-0,7%	0,7%	100,0%
Litoral Norte	18.925	583.010	30.806	19.015	589.989	31.028	0,5%	1,2%	0,7%	94,3%
Litoral Sul	2.132	47.298	22.185	1.756	35.916	20.453	-17,6%	-24,1%	-7,8%	5,7%

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

Participação da banana-prata

Microrregiões	Safra 2024/25			Estimativa 2025/26			Variação (%)			2023/24
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Produtiv. média	Participação na produção (%)
Blumenau	411	8.934	21.736	412	8.147	19.774	0,2%	-8,8%	-9,0%	1,3%
Itajaí	585	11.775	20.128	595	11.834	19.888	1,7%	0,5%	-1,2%	1,9%
Joinville	1.610	33.599	20.869	1.777	38.483	21.656	10,4%	14,5%	3,8%	6,1%
São Bento do Sul	190	4.180	22.000	190	4.052	21.324	0,0%	-3,1%	-3,1%	0,6%
Araranguá	3.701	64.280	17.368	4.497	68.132	15.151	21,5%	6,0%	-12,8%	10,9%
Criciúma	814	13.690	16.818	842	13.058	15.508	3,4%	-4,6%	-7,8%	2,1%
Tubarão	98	1.558	15.899	95	1.039	10.939	-3,1%	-33,3%	-31,2%	0,2%
Total	7.409	138.016	18.628	8.408	144.744	17.215	13,5%	4,9%	-7,6%	100,0%
Litoral Norte	2.796	58.488	20.918	2.974	62.515	21.020	6,4%	6,9%	0,5%	43,2%
Litoral Sul	4.613	79.528	17.240	5.434	82.229	15.132	17,8%	3,4%	-12,2%	56,8%

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026



No comparativo de safras a estimativa é de aumento de 0,3% na produção de banana, em relação à da safra anterior, com acréscimo de 2,5% na área em produção. As regiões do Litoral Norte Catarinense representam 84,7% do total, enquanto as do Litoral Sul Catarinense representam os outros 15,3% da produção de banana no Estado. Para a banana-caturra a expectativa é de redução de 0,7% na produção em comparação a safra anterior e diminuição de área colhida de 1,4%. Já na produção de banana-prata estima-se aumento de 4,9% em comparação a safra de 2024/25 e aumento de 17,8% na área colhida, principalmente nas microrregiões de Araranguá e de Joinville.



Grãos

Arroz	14
Feijão	18
Milho	22
Soja.....	28
Trigo.....	33



Grãos



Arroz

Glaucia de Almeida Padrão

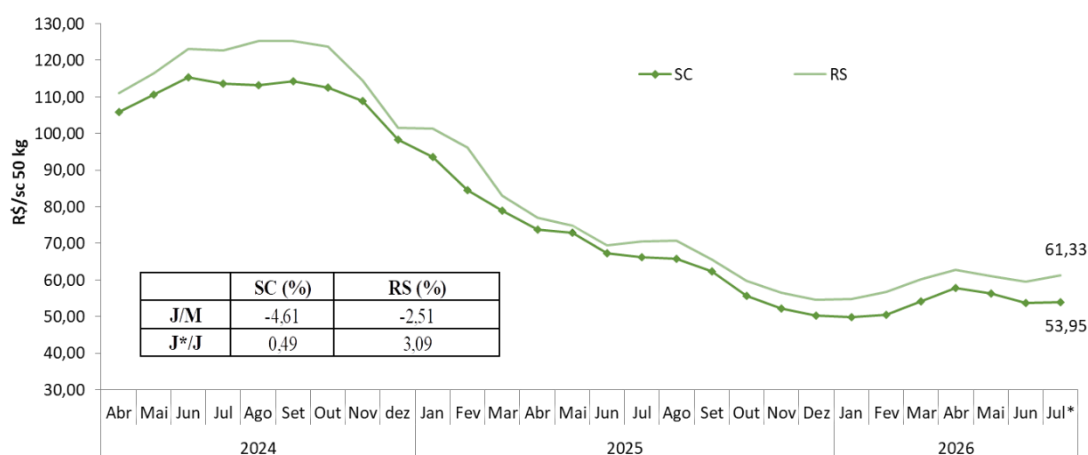
Economista, Dra. - Epagri/Cepa

glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado de arroz continua com preços baixos, apesar da elevação pontual observada no mês de abril, decorrente da baixa liquidez do mercado e da resistência dos produtores em comercializar o arroz a preços considerados insuficientes para cobrir os custos de produção. Esse comportamento reflete a elevada disponibilidade interna do grão após a conclusão da colheita da safra 2025/26 nos principais estados produtores. No Rio Grande do Sul, principal estado produtor, o preço médio caiu de R\$61,02/sc em maio para R\$59,26/sc em junho (-2,89%). Em Santa Catarina, o movimento foi ainda mais intenso, com redução de R\$56,28/sc para R\$53,69/sc no mesmo período (-4,61%). Esse comportamento refletiu a combinação entre maior oferta do produto e demanda enfraquecida nos mercados atacadista e varejista.

Figura 1 - Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a jul./2026*)



Fonte: SC - Epagri/Cepa, RS – Cepea, jun./2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Nos primeiros dias de julho, entretanto, observa-se uma interrupção desse movimento de queda. Em relação à média de junho, os preços registraram aumento de 0,49% em Santa Catarina e de 3,09% no Rio Grande do Sul, indicando uma recuperação ainda moderada das cotações. Entre os fatores que podem explicar esse comportamento destaca-se o aumento das exportações brasileiras, em especial no Rio Grande do Sul, observada no primeiro semestre do ano. Além disso, as incertezas quanto ao impacto do *El niño* sobre a produção do arroz e a disponibilidade do grão na safra 2026/27, que já está sendo planejada, podem ser fatores que sustentem uma elevação dos preços. Apesar desse movimento de recuperação, os fundamentos do mercado ainda indicam um cenário de ampla disponibilidade do produto, o que limita uma valorização mais expressiva dos preços no curto prazo.



Comércio Exterior

No que diz respeito ao comércio internacional de arroz, no ano de 2026, o mercado está mais atrativo do que o ano anterior. No acumulado de janeiro a junho de 2025 e 2026, observa-se uma recuperação das exportações brasileiras de arroz e uma redução das importações. As exportações brasileiras passaram de US\$197,1 milhões no primeiro semestre de 2025 para US\$266,8 milhões no mesmo período de 2026, representando um crescimento de aproximadamente 35,4%. O Rio Grande do Sul continuou concentrando praticamente todo o valor exportado, ampliando suas vendas de US\$192,4 milhões para US\$260,9 milhões (variação de 35,6%). Em Santa Catarina, segundo exportador nacional, embora a participação permaneça pequena, as exportações mais que dobraram, passando de US\$0,90 milhão em 2025 para US\$1,96 milhão em 2026, um aumento de cerca de 118%. As exportações são apontadas como uma saída para reduzir a pressão da oferta interna sobre os preços. No entanto, embora o volume exportado até o momento supere significativamente o observado em 2025, este ainda não é suficiente para reduzir a oferta interna e resultar em elevação significativa dos preços domésticos, haja vista a atuação dos demais países do Mercosul de forma mais competitiva do que o Brasil. Apesar disso, o movimento de exportações no mês de junho já resultou em aumento nos preços internos, especialmente no Rio Grande do Sul.

Entre os principais parceiros comerciais de Santa Catarina, destacam-se Cuba (37,2%), Estados Unidos (14,6%) e Senegal (7,8%). De maneira geral, os destinos comerciais apresentaram crescimento expressivo dos volumes originados de Santa Catarina. Isto porque, o estado apresentou boa disponibilidade do grão após a safra recorde obtida e competitividade de preços, favorecida pelo câmbio e pela eficiência logística (localização dos portos), o que abriu uma janela de comércio externo.

Tabela 1 - Arroz – Evolução das exportações e importações anuais do Brasil e estados selecionados – (2020 a 2026*)

Ano	Exportações (R\$ milhões)			Importações (R\$ milhões)	
	BR	RS	SC	BR	SC
2020	503,58	452,95	20,45	376,53	27,48
2021	359,09	330,69	7,48	316,79	11,82
2022	656,33	638,60	4,08	349,99	12,76
2023	621,46	604,45	9,72	529,37	26,01
2024	561,17	541,59	3,84	679,62	31,09
2025	457,92	447,70	2,16	390,08	12,03
2026	266,79	260,90	1,96	182,28	7,07

Fonte: Comex Stat/Mdic, mai./2026

(*) Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro a junho.

No sentido oposto, as importações brasileiras recuaram de US\$214,3 milhões no primeiro semestre de 2025 para US\$182,3 milhões em igual período de 2026, uma redução de aproximadamente 14,9%. Esse movimento foi puxado pelo Rio Grande do Sul, cujas importações diminuíram 24,1%, passando de US\$52,9 milhões para US\$40,2 milhões. Em Santa Catarina, entretanto, ocorreu comportamento distinto: as importações cresceram de US\$5,48 milhões para US\$7,07 milhões, um aumento de cerca de 29%, indicando maior demanda estadual por produto importado, apesar da retração das compras externas em nível nacional. Em conjunto, esses resultados mostram que, no primeiro semestre de 2026, o Brasil fortaleceu sua posição exportadora.



Acompanhamento de safra

A colheita de arroz em Santa Catarina encontra-se encerrada e as estimativas finais da Epagri/Cepa apontaram para um desempenho produtivo positivo, apesar da leve redução na área cultivada. O estado registrou 143,4 mil hectares plantados, produção estimada em 1,29 milhão de toneladas e produtividade média de 9.029kg/ha (180,6 sacas/ha), um aumento de 0,9% em relação à safra anterior, mesmo com reduções de 1,32% na área e 0,40% na produção. As lavouras apresentaram boa qualidade dos grãos e desenvolvimento satisfatório, favorecidas por condições climáticas, em geral, adequadas durante o ciclo. A produção permanece concentrada no Litoral Sul (66,8% da área estadual), seguido pelo Litoral Norte (23,2%), Alto Vale do Itajaí (7,1%) e Grande Florianópolis (2,9%).

Em questionário aplicado junto a mais de 800 produtores e cobertura de mais de 20% da área plantada no estado, identificou-se que as cultivares mais utilizadas continuam sendo aquelas desenvolvidas pela Epagri e amplamente adaptadas às condições do estado, com destaque para a SCSBRS 126 Dueto, que ocupou quase 50% da área plantada de arroz no estado. Entre os principais desafios enfrentados pelos produtores destacaram-se os efeitos localizados de excesso ou deficiência hídrica, além da pressão de doenças e plantas daninhas em algumas regiões, embora sem comprometer significativamente o desempenho da safra. No entanto, cabe destacar que aproximadamente 33% dos produtores entrevistados relataram não terem observado problemas que causassem dano significativo na lavoura. Do ponto de vista econômico, entretanto, o principal problema foi a baixa rentabilidade da atividade, causada pela queda dos preços do arroz, que ficaram abaixo do custo operacional de produção, reduzindo a margem dos produtores e contribuindo para a diminuição da área cultivada. Esse cenário reforça a necessidade de maior controle de custos e tendência de menor investimento para a próxima safra, apesar da expectativa de recuperação gradual dos preços.

Tabela 2 - Arroz – Comparativo de safras

Microrregião	2024/25			2025/26				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.848	9.058	533.039	58.434	9.411	549.921	42,48	-0,70	3,90	3,17
Blumenau	7.048	9.883	69.654	6.993	8.853	61.907	4,78	-0,78	-10,42	-11,12
Criciúma	21.829	9.185	200.501	21.889	9.162	200.545	15,49	0,27	-0,25	0,02
Florianópolis	1.894	6.946	13.155	2.080	6.571	13.668	1,06	9,82	-5,40	3,90
Itajaí	8.987	8.424	75.707	8.504	8.503	72.310	5,59	-5,37	0,94	-4,49
Ituporanga	170	8.405	1.429	175	9.002	1.575	0,12	2,94	7,10	10,24
Joinville	17.709	8.366	148.150	17.525	8.137	142.609	11,02	-1,04	-2,73	-3,74
Rio do Sul	9.990	9.861	98.510	9.896	10.378	102.697	7,93	-0,94	5,24	4,25
Tabuleiro	132	8.045	1.062	120	6.723	807	0,06	-9,09	-16,44	-24,04
Tijucas	2.164	7.377	15.963	1.960	7.322	14.352	1,11	-9,43	-0,74	-10,09
Tubarão	16.523	8.633	142.648	15.802	8.494	134.224	10,37	-4,36	-1,61	-5,91
Santa Catarina	145.294	8.946	1.299.818	143.378	9.029	1.294.615	100,00	-1,32	0,93	-0,40

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

No âmbito nacional, segundo o 10º Levantamento da Safra Brasileira de Grãos da Conab, a safra brasileira de arroz 2025/26 está praticamente concluída nos principais estados produtores e deverá totalizar 11,1 milhões de toneladas, com produtividade média de 7.295kg/ha em uma área cultivada de 1,52 milhão de hectares. Em relação à safra anterior, houve redução de 13,8% na área plantada e de 13,1% na produção, enquanto a produtividade permaneceu praticamente estável (+0,9%), refletindo, de forma geral, boas condições climáticas e desempenho satisfatório das lavouras. A retração da área ocorreu tanto no cultivo irrigado quanto no de sequeiro, influenciada principalmente pela menor rentabilidade da cultura decorrente da queda dos preços recebidos pelos produtores.



Os olhos se voltam agora para a safra 2026/27, com preocupações relacionadas à previsão climática que vem confirmando a ocorrência de *El Niño* muito forte no próximo ciclo. Em Santa Catarina, o efeito do *El Niño* sobre a produção de arroz é de redução significativa e apresenta forte variação regional. Nos últimos eventos, observou-se que os municípios do Alto Vale do Itajaí e parte do Litoral Norte são os mais suscetíveis à redução da produtividade, em razão do aumento da frequência e intensidade das chuvas durante o ciclo da cultura. O excesso de umidade favorece a ocorrência de doenças, reduz a radiação solar, dificulta as operações de manejo e colheita e pode comprometer tanto o rendimento quanto a qualidade dos grãos. Em contrapartida, o Litoral Sul, principal região produtora do estado, tende a sofrer impactos menos expressivos, em função da maior sistematização das áreas e da melhor infraestrutura de drenagem. Esses resultados evidenciam a importância de incorporar previsões climáticas ao planejamento da safra, orientando decisões sobre época de semeadura, manejo da drenagem, controle fitossanitário e estratégias de mitigação de riscos, especialmente nas regiões mais vulneráveis aos eventos climáticos.



Grãos



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de junho, apesar da tendência de baixa nas cotações do feijão na maioria das praças acompanhadas, em Santa Catarina, o preço médio recebido pelos produtores pela saca de 60kg de feijão apresentou ligeira alta. O feijão-carioca registrou variação positiva de 2,9%, fechando o mês em R\$287,93/sc. Já o feijão-preto apresentou alta mensal de 17,5% encerrando o período cotado a R\$203,38/sc. Na comparação anual, o preço médio da saca de feijão-preto ficou 63,1% acima do valor registrado em junho de 2025, enquanto o feijão-carioca registrou valorização anual de 98,0%.

Tabela 1 - Feijão BR - Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60kg)

Estado	Tipo	Mai./26	Jun./26	Variação mensal (%)	Jun./25	Variação anual (%)
Santa Catarina		279,84	287,93	2,89	145,39	98,04
Paraná		367,82	283,18	-23,01	191,88	47,58
Minas Gerais	Feijão-carioca	429,53	371,67	-13,47	234,61	58,42
Bahia		414,69	410,19	-1,09	213,75	91,90
São Paulo		399,90	409,25	2,34	216,25	89,25
Goiás		399,44	350,22	-12,32	221,84	57,87
Santa Catarina		173,09	203,38	17,50	124,70	63,10
Paraná	Feijão-preto	195,43	193,99	-0,74	128,86	50,54
Rio Grande do Sul		168,06	185,95	10,65	120,32	54,55

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), jul./2026

Em junho, o mercado de feijão registrou desvalorizações mais acentuadas da leguminosa. Segundo a Conab, na Bahia as lavouras de **feijão cores**, por serem mais tardias, ainda estão em floração e seguem apresentando boas condições, com muitas delas sendo irrigadas. Em junho, recuo de 1,1% nas cotações. Em Minas Gerais, apesar das chuvas, a colheita evolui bem e não houve registro de perdas de qualidade em função da alta umidade na maturação. Segundo a Conab, os preços do **feijão-carioca** no estado recuaram de 13,5% em relação ao mês de maio.

No Paraná, mesmo com os episódios de chuvas e baixas temperaturas, houve avanço da colheita, que se aproxima da fase final. Há registros perdas nessas lavouras mais tardias, em razão do frio, geadas e excesso de chuvas. Segundo o Deral, as cotações do **feijão-carioca** tiveram retração de 23,0% em junho. De acordo com o Cepea, no curto prazo, a expectativa é de estabilidade nas cotações, com viés de firmeza. Mesmo com o ingresso da safra irrigada, não são esperadas quedas expressivas pela restrição de oferta de grãos de melhor qualidade.

Para o **feijão-preto**, o mercado segue firme, sustentado pela redução da oferta após o encerramento da segunda safra no Paraná e pelas perdas de produtividade provocadas pelas adversidades climáticas. No curto prazo, a expectativa é de manutenção do mercado firme, com possibilidade de novas valorizações pontuais caso persista a restrição na oferta.



Safra Nacional

Para a safra nacional 2025/26, a Conab estima uma redução de 0,5% na produção de feijão, passando de 3.059,0 mil toneladas produzidas na safra passada, para atuais 3.045,3 mil toneladas. Essa retração decorre de uma importante diminuição de 4,9% na área plantada, que passou de 2.693,0 hectares, para 2.561,1 mil hectares. Também contribui para o incremento da produção, o aumento da produtividade média, para junho é esperado um aumento de 4,6%, passando de 1.136kg/ha para 1.189kg/ha.

Safra Catarinense

Feijão 1ª Safra

A temporada 2025/26 da primeira safra de feijão encerrou-se com redução tanto na área plantada quanto na produtividade média. No período de planejamento, os baixos preços que o mercado vinha praticando desestimularam os produtores a investir na atividade, resultando em um recuo de praticamente 24% na área cultivada. A produtividade média também caiu, visto que o ciclo da cultura foi marcado por forte oscilação climática. O excesso de chuva ao final do ciclo e os temporais entre dezembro e janeiro prejudicaram a qualidade dos grãos em muitas regiões. Como resultado, a produtividade média ficou em 1.957kg/ha, um recuo de 4,7% em relação ao ano anterior. Com isso, a produção estimada é de 52,0 mil toneladas, uma retração de 27,4% na mesma base de comparação.

Tabela 2 - Feijão 1ª Safra – SC: Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa Safra 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	60	1.355	81	12	1.195	14	0,03	-80,0	-11,8	-82,4
Blumenau	117	1.264	148	119	1.392	166	0,32	1,7	10,1	12,0
Campos de Lages	6.185	1.677	10.370	3.655	1.863	6.808	13,09	-40,9	11,1	-34,3
Canoinhas	7.700	1.856	14.293	6.850	1.780	12.196	23,45	-11,0	-4,1	-14,7
Chapecó	4.330	2.592	11.224	2.859	1.638	4.683	9,00	-34,0	-36,8	-58,3
Concórdia	305	1.236	377	298	1.502	448	0,86	-2,3	21,5	18,8
Criciúma	568	1.461	830	31	1.171	36	0,07	-94,5	-19,8	-95,6
Curitibanos	1.830	2.450	4.484	1.379	1.799	2.481	4,77	-24,6	-26,6	-44,7
Itajaí	150	1.200	180	3	1.500	5	0,01	-98,0	25,0	-97,5
Ituporanga	845	2.001	1.691	915	1.984	1.815	3,49	8,3	-0,9	7,3
Joaçaba	2.640	2.579	6.810	2.649	2.409	6.381	12,27	0,3	-6,6	-6,3
Rio do Sul	757	1.879	1.422	687	1.900	1.306	2,51	-9,2	1,1	-8,2
São Bento do Sul	600	1.648	989	530	1.557	825	1,59	-11,7	-5,5	-16,6
São Miguel do Oeste	1.828	2.380	4.350	1.278	2.356	3.012	5,79	-30,1	-1,0	-30,8
Tabuleiro	325	1.791	582	305	1.800	549	1,06	-6,2	0,5	-5,7
Tijucas	170	1.489	253	55	1.585	87	0,17	-67,6	6,5	-65,5
Tubarão	570	1.385	790	250	1.212	303	0,58	-56,1	-12,5	-61,6
Xanxerê	5.908	2.162	12.774	4.704	2.315	10.890	20,94	-20,4	7,1	-14,7
Total Geral	34.888	2.054	71.647	26.579	1.957	52.003	100,00	-23,8	-4,7	-27,4

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

Feijão 2ª Safra

A colheita de feijão segunda safra 2025/26 está encerrada no estado. As baixas temperaturas e geadas registradas desde meados de maio, influenciaram negativamente o desenvolvimento da cultura, sobretudo nos cultivos mais tardios. Em áreas de baixada e em lavouras em fase de enchimento de grãos, os impactos do clima foram mais severos. A chegada do frio diminuiu o ritmo de desenvolvimento das plantas, acelerando a maturação fisiológica das plantas.



A segunda safra 2025/26 de feijão em Santa Catarina teve uma redução importante. Apesar da valorização dos preços pela escassez de oferta no momento do plantio, o risco climático desencorajou os produtores a apostar na cultura. Com isso, a área plantada teve uma retração de 41,3%, chegando a 19,7 mil hectares. Em função do clima, a produtividade média também caiu 5,9%, ficando em 1.612 kg/ha. Com isso, a produção final esperada é de 31,7 mil toneladas, uma redução de 44,7% em relação à safra passada.

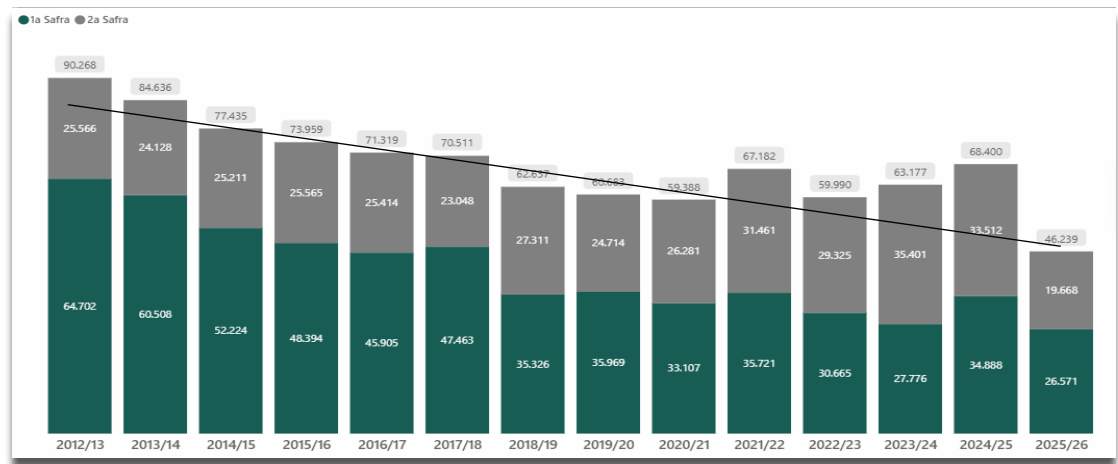
Tabela 3 - Feijão 2ª Safra – SC: Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2024/25			Estimativa Safra 2025/26				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	583	1.139	664	165	1.085	179	0,56	-71,7	-4,8	-73,0
Canoinhas	2.960	1.675	4.959	2840	1.641	4.660	14,69	-4,1	-2,1	-6,0
Chapécó	5.692	1.816	10.338	3.391	1.498	5.078	16,01	-40,4	-17,6	-50,9
Criciúma	848	1.118	948	119	1.515	180	0,57	-86,0	35,4	-81,0
Curitibanos	1.690	2.113	3.571	1.380	2.004	2.765	8,72	-18,3	-5,2	-22,6
Ituporanga	615	814	500	390	723	282	0,89	-36,6	-11,1	-43,6
Rio do Sul	320	854	273	230	1.135	261	0,82	-28,1	32,9	-4,5
São Bento do Sul	140	1.536	215	140	1.536	215	0,68	0,0	0,0	0,0
São M. do Oeste	3.180	1.470	4.673	2155	1.452	3.130	9,87	-32,2	-1,2	-33,0
Tijucas				25	1.520	38	0,12			
Tubarão	724	1.212	877	202	1.080	218	0,69	-72,1	-10,8	-75,1
Xanxerê	16.760	1.813	30.379	8640	1.704	14.719	46,39	-48,4	-6,0	-51,5
Total Geral	33.512	1.713	57.399	19.677	1.612	31.726	100,00	-41,3	-5,9	-44,7

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

Santa Catarina deverá ser registrada a menor área plantada de feijão da série histórica do Epagri/Cepa. Em feijão total (soma das áreas de feijão 1ª e feijão 2ª), o ano agrícola deverá encerrar com uma área total de 46,2 mil hectares. Os baixos preços recebidos pelos produtores no momento do plantio, a elevação nos custos dos fertilizantes e do diesel, além das incertezas climáticas, foram os fatores determinantes para essa redução na área plantada.

Figura 1 - Feijão total - SC: Evolução da área plantada de feijão



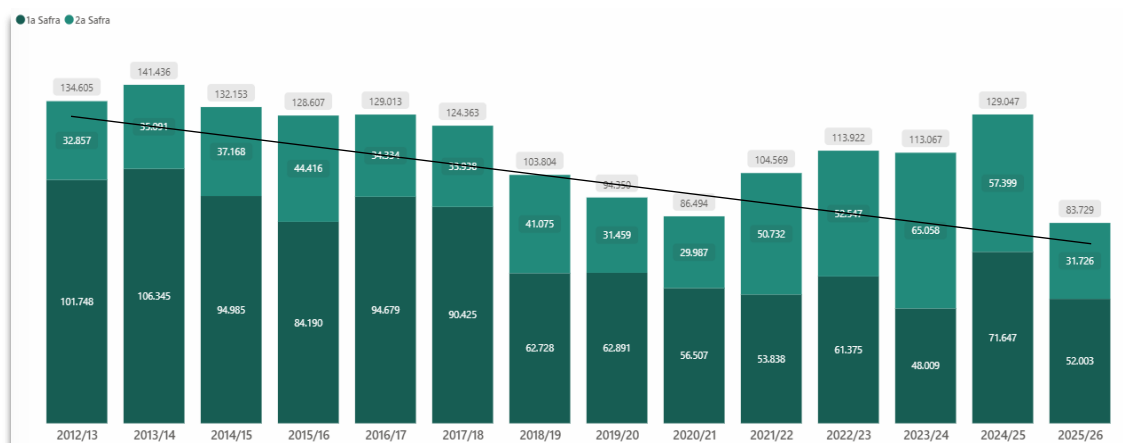
Fonte: Observatório Agro Catarinense, ago./2026



Em consequência da redução de área, devermos ter a menor produção registrada em nossa série histórica iniciada em 2012, a expectativa é que sejam produzidas aproximadamente 83,7 mil toneladas. Nesse contexto de produção decrescente, é importante destacar que cada vez mais estamos consumindo menos feijão. A alteração nos hábitos diários é o principal motivo da queda, nas últimas décadas, o consumo de feijão despencou de quase 23kg para menos de 12kg anuais por habitante.

Essa redução é explicada por fatores, um deles é a falta de tempo e praticidade, a rotina corrida e famílias menores, o longo tempo de preparo do grão tornou-se um desafio, diminuindo o hábito de cozinhar em casa. Outro aspecto é o aumento do consumo fora de casa, mais refeições passaram a ser feitas em restaurantes, lanchonetes ou substituídas por lanches rápidos que associado à ascensão dos ultraprocessados, normalmente calóricos e com baixo valor nutricional. Especialistas alertam que a saída do feijão da dieta impacta negativamente a saúde, visto que a combinação com o arroz é fonte essencial de fibras, ferro e proteínas vegetais, além de proteger contra doenças crônicas.

Figura 2 - Feijão total – SC: Evolução da produção de feijão (t)



Fonte: Observatório Agro Catarinense, jul./2026

Para reverter essa tendência, algumas ações devem ser colocadas em prática. Dentre elas podemos destacar o incentivo do crédito agrícola, com taxas de juros acessíveis, o Plano Safra da Agricultura Familiar 2026/27, por exemplo, é uma ação fundamental e estruturante. Outro fator importante é a garantia de compra, estratégias institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a alimentação escolar através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), podem contribuir com o escoamento da produção e remuneração mínima ao agricultor.

O Seguro agrícola também tem papel importante ao reduzir o risco do produtor rural de arcar com perdas financeiras em caso de intempéries climáticas, tornando a cultura do feijão mais segura e estável para investimento. Destaco ainda a necessidade de ação contínua para que os produtores façam rotação de culturas (como o plantio em sucessão ao milho) e o uso de sementes certificadas e cultivares adaptadas, como as linhagens da Epagri, a exemplo da SCS208 Cronos (tipo preto) e SCS207 Querência (tipo carioca), que melhoram a produtividade e a resistência a doenças. **Erro! Vínculo não válido. Erro! Vínculo não válido.**



Grãos



Milho

Haroldo Tavares Elias

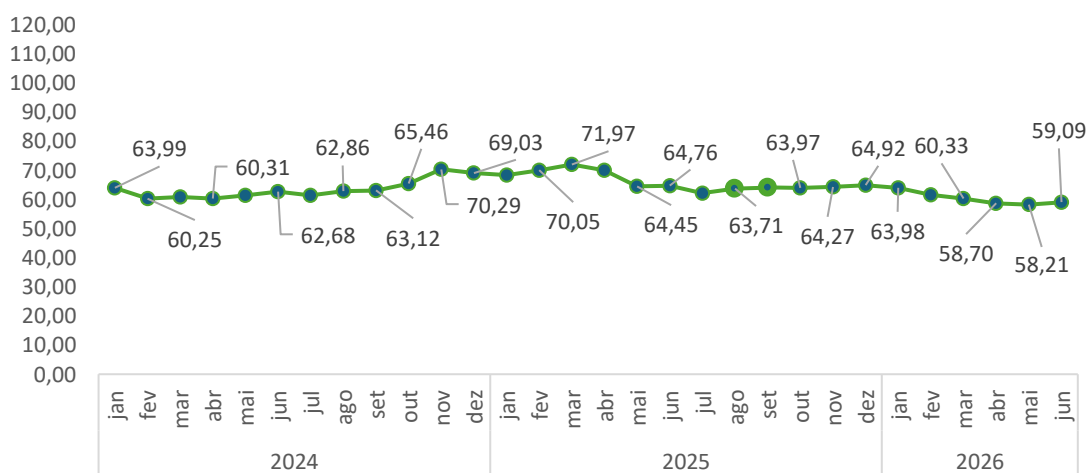
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio mensal do milho recebido pelos produtores catarinenses em junho foi de R\$59,09/sc, alta de 1,5% nos últimos 30 dias. O resultado sinaliza uma reação do mercado, mesmo com o avanço da colheita da segunda safra no Brasil, cuja produção nacional está projetada em 140 milhões de toneladas¹. Nesse contexto, o efeito sazonal esperado é de pressão sobre os preços até julho, período de maior concentração da colheita da segunda safra. Entretanto, alguns fatores tendem a contrabalançar essa pressão: a demanda da indústria de etanol de milho e a ampliação da demanda externa, que pode elevar as exportações brasileiras para um patamar em torno de 45 milhões de toneladas em 2026. Soma-se a isso o possível efeito do *El Niño* sobre a produção futura, o que já faz os preços sinalizarem reação para o segundo semestre. A manutenção do dólar acima de R\$5,00 também deve favorecer a competitividade das exportações brasileiras, reforçando essa perspectiva. O relatório do USDA² de julho aponta um cenário de suprimentos globais ainda confortáveis, porém com estoques finais mundiais em declínio e preços sustentados por uma demanda consistente.

Figura 1 - Milho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2024 a mar./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

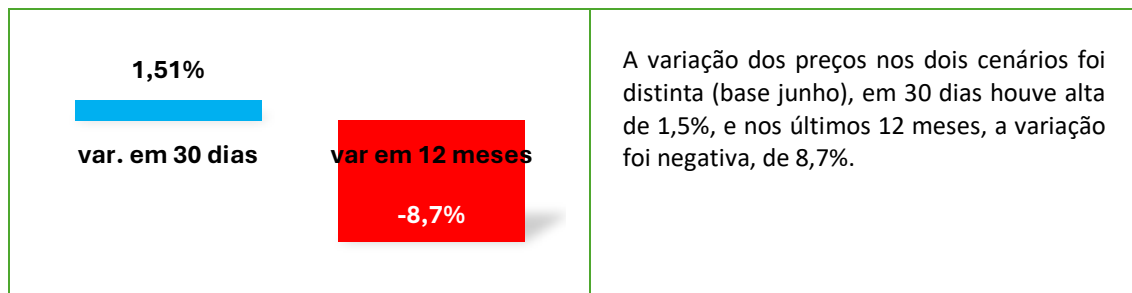
¹ Conab | Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos | v.13 – Safra 2025/26, n° 10 – Nono levantamento | julho 2026

² Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 7 July 2026 Global Market Analysis



Variação de preços

Figura 2 - Milho – SC: variação dos preços em 12 meses e 30 dias (base junho/2026)



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

Fatores e perspectivas de mercado – julho de 2026

O mercado de milho em julho apresenta sinais de mudanças significativas, com cenário se alterando de forte pressão dos preços no primeiro semestre para expectativa de alta no médio prazo. Os fatores que predominam agora têm viés de alta, o estoque mundial tem estimativa de redução, além disso o mercado visualiza risco climático do *El Niño* para o próximo ciclo 2026/27 com impacto na produção. Embora, no Brasil a colheita da segunda safra está avançando no centro oeste com boa oferta interna do produto.

Fator que predominam	Impacto nos Preços	Dinâmica principal
Queda nos Estoques Finais (USDA)	Fortemente Altista	Estoques mundiais caíram para o menor nível em 5 safras (-5,9 Mt no relatório USDA/julho).
Riscos Climáticos e El Niño	Altista (Médio Prazo)	Ameaça atrasar a soja e encurtar a janela da safrinha 2026/27 no Cerrado; tempo seco em GO/MS e geadas no PR geram cautela.
Demanda Interna e Externa Firme	Altista	Consumo aquecido pelas indústrias de etanol e proteína animal (carnes) no Brasil e EUA.
Avanço da Colheita da Safrinha	Baixista (Curto Prazo)	Pressão física de oferta no Centro-Oeste gerou quedas em junho, com compradores recuados no spot.
Aumento de Importações da China	Altista	Crescimento de 39% nas compras de milho (jan./mai.) para recomposição de reservas estratégicas.
Vendas Semanais Fracas nos EUA	Levemente Baixista	Vendas de 967 mil toneladas vieram abaixo das expectativas, desacelerando a curto prazo.



Seguem abaixo, algumas considerações sobre o comportamento e resultados da safra 2025/26.

**Registro da equipe de acompanhamento de safra da Epagri/Cepa nas regiões do estado*

Aspecto	Avaliação resumo
Situação da safra	Safra concluída em praticamente todo o estado, com estimativa de produção de 2,7 milhões de toneladas .
Produtividade	A safra registrou a segunda maior produtividade média da história de Santa Catarina , superior a 9,3 t/ha . Em diversas regiões os rendimentos superaram 10 t/ha , destacando-se Curitibanos/Campos Novos e Xanxerê , com produtividades acima de 11 t/ha .
Qualidade	A qualidade dos grãos foi considerada muito boa , especialmente nas regiões Oeste e Meio-Oeste.
Condições climáticas	O desempenho foi favorecido por condições climáticas, em geral, adequadas durante o ciclo. Apenas estiagens pontuais no Alto Vale do Itajaí reduziram a produtividade do milho segunda safra.
Tecnologia	Os elevados rendimentos refletem o alto nível tecnológico da produção catarinense, com uso de híbridos de alto potencial, manejo qualificado e boa eficiência dos produtores.
Comercialização	Apesar da excelente produção, o retorno econômico foi limitado. Os preços permaneceram pressionados durante o primeiro semestre, reduzindo a rentabilidade dos produtores. Em algumas regiões ocorreram dificuldades no recebimento dos grãos devido ao elevado volume colhido e aos estoques remanescentes da safra anterior.
Abastecimento estadual	As duas últimas safras contribuíram significativamente para reduzir o déficit estrutural de milho em Santa Catarina, ampliando a disponibilidade do cereal para o mercado interno.
Perspectivas	A principal preocupação concentra-se na safra 2026/27, diante da elevação dos custos de produção e da possibilidade de aumento do risco climático associado ao fenômeno El Niño , que poderá comprometer o potencial produtivo caso se confirme.

Safra 2025/26 – Resultados finais

A produção total do estado somou 2,7 milhões de toneladas, com dados finais da safra consolidados. As últimas duas safras catarinenses são relevantes por amenizarem o déficit estadual do produto. A safra 2025/26 consolidou-se como uma das melhores da história de Santa Catarina, com produtividade e qualidade de grãos muito boas, refletindo a eficiência tecnológica da agricultura catarinense em condições climáticas favoráveis. Em contrapartida, o rendimento econômico foi baixo: os preços permaneceram pressionados durante boa parte do primeiro semestre, período de comercialização, reduzindo a rentabilidade da atividade. Para a próxima safra, o aumento dos custos de produção e o risco de *El Niño* são os principais desafios à manutenção desses patamares de produtividade.



Tabela 1 - Milho grão total primeira safra 2025/26 – Área, produção e rendimento – Comparativo com a safra 2024/25

Microrregiões	Safr 2024/25			Safr 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Joaçaba	53.996	10.064	543.439	51.250	10.091	517.185
Chapécó	38.203	10.071	384.735	44.038	10.471	461.142
Canoinhas	26.745	11.100	296.868	27.712	9.336	258.726
Xanxerê	21.090	10.964	231.232	22.820	11.040	251.940
Concórdia	20.930	9.888	206.963	20.430	10.422	212.926
São Miguel do Oeste	37.882	7.078	268.123	22.955	9.067	208.126
Curitibanos	14.753	11.369	167.732	15.722	11.682	183.664
Campos de Lages	23.730	9.063	215.065	24.690	7.024	173.418
Rio do Sul	14.620	7.185	105.046	15.060	7.163	107.873
Ituporanga	7.720	8.233	63.559	13.950	7.155	99.810
Criciúma	7.275	8.022	58.362	9.219	7.433	68.521
Araranguá	7.912	8.048	63.673	7.006	8.966	62.819
Tubarão	4.746	8.066	38.280	3.961	6.557	25.971
São Bento do Sul	3.005	9.204	27.658	3.065	8.054	24.684
Tijucas	3.635	5.911	21.487	3.560	5.857	20.851
Tabuleiro	2.080	6.384	13.280	2.745	6.015	16.512
Blumenau	1.721	4.733	8.146	1.682	4.917	8.270
Joinville	390	4.981	1.943	445	5.248	2.336
Total Geral	290.433	9.350	2.715.588	290.343	9.316	2.704.926

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

A safra de milho 1ª safra 2025/26 em Santa Catarina registra um aumento de 3,8% na **área**. No entanto, a produtividade média deve ser um pouco menor, -2,63% em relação ao ciclo anterior. Contudo, a **produção total deve recuar apenas 1%**. **As últimas duas safras são consideradas as de maior produtividade da série histórica. As condições climáticas o bom nível tecnológico empregados pelos produtores favoreceram a expressão do potencial genético das cultivares.**

A safra de milho 2ª safra 2025/26 em Santa Catarina apresenta **redução significativa de área (-28,5%)**. Apesar disso, há **expectativa de aumento de produtividade média (+13%)**, indicando melhor desempenho das lavouras implantadas. Ainda assim, a **produção total deve cair cerca de 19%**, impactada principalmente pela menor área cultivada. Área expressiva da segunda safra foram destinadas a milho para fins de silagem. A Epagri/Cepa está levantando a área de silagem primeira e segunda safras separadamente, de modo a melhor caracterizar os sistemas de plantio e rotação de culturas.

Tabela 2 - Milho-grão – Safra 2025/26 – Área, produção e rendimento – Comparativo com as safras 2024/25

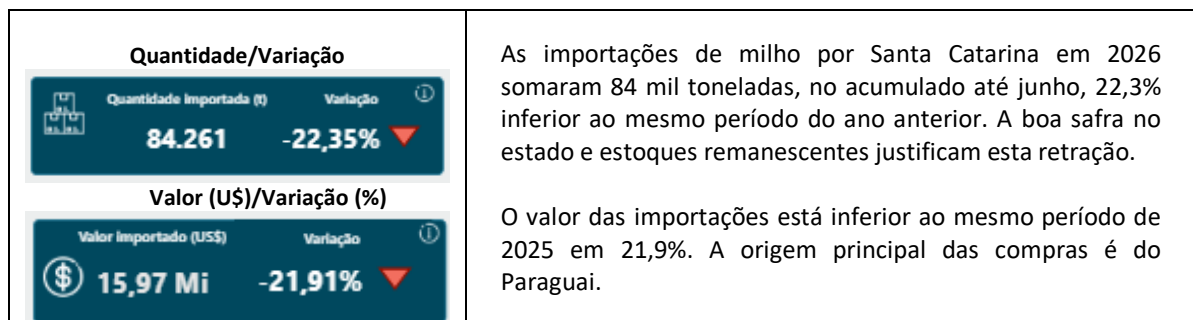
	Safr 2024/25			Safr 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Milho 1ª safra	255.761	9.856	2.519.658	265.530	9.592	2.546.971
Milho 2ª safra	34.672	5.650	195.930	24.813	6.365	157.954
Milho total	290.433	9.350	2.715.588	290.343	9.350	2.704.925

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026



Importações de milho por Santa Catarina

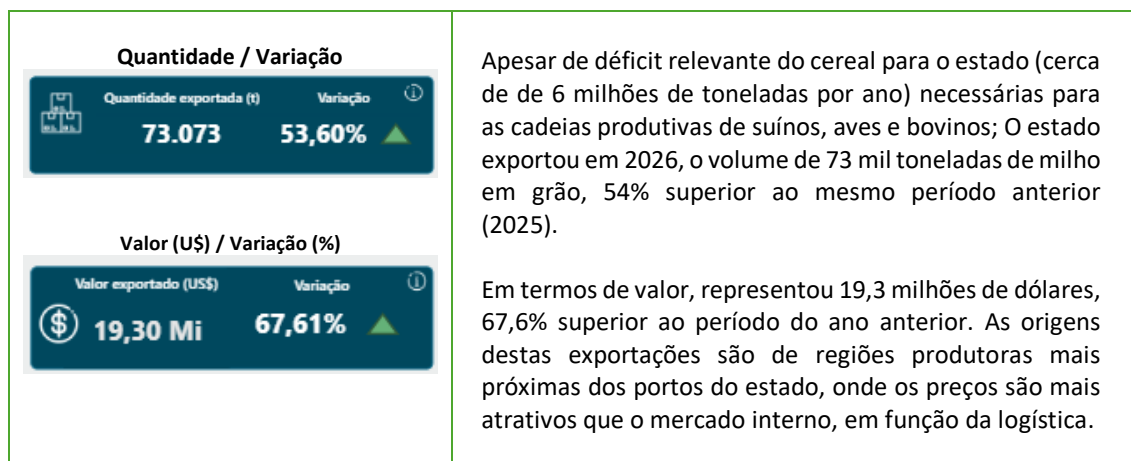
Figura 3 - Milho-grão – Importações por Santa Catarina em 2026, no acumulado até maio de 2026 e comparativo ao mesmo período de 2025



Fonte: Observatório do Agro SC. Comex Stat/Mdic, julho/2026

Exportações de milho por Santa Catarina

Figura 4 - Milho – SC: exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até junho de 2026 – Comparativo ao mesmo período do ano anterior – 2025



Fonte: Comex Stat/Mdic, julho/2026. Elaboração: Epagri/Cepa

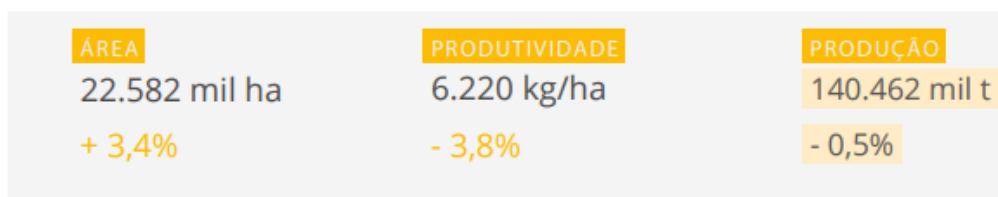
Safra Nacional

A Conab³ eleva a projeção da produção brasileira, a produção total, somando as três safras, está estimada em 140,5 milhões de toneladas, redução de 0,5% em relação à safra anterior. A atual safra repete o bom desempenho do período anterior.

³CONAB: Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.13 – Safra 2025/26, no 9 - Nono levantamento, p. 1-137, junho 2026



Figura 5 - Milho – Brasil: área, produtividade e produção nacional



Comparativo com safra anterior.

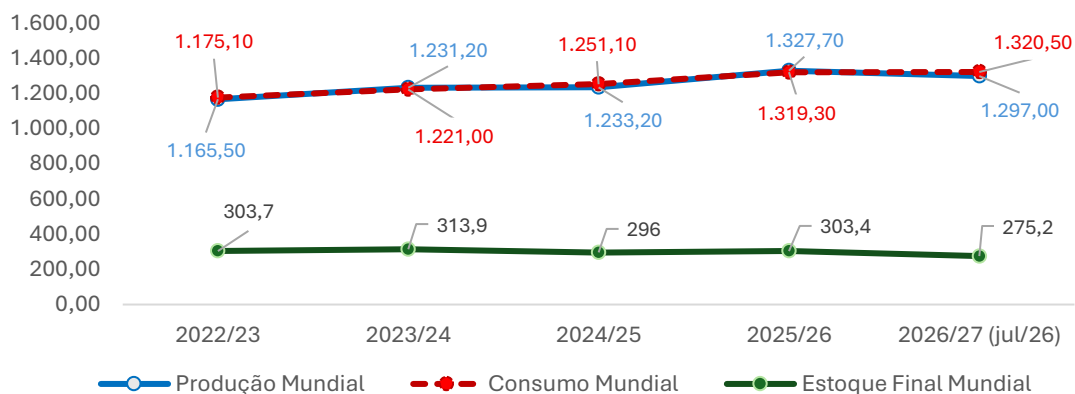
Fonte: Conab.

Fonte: Conab, julho/2026

Safra Mundial

- O consumo mundial de milho deve alcançar cerca de 1,32 bilhões de toneladas, volta a superar a produção.
- O uso industrial do milho para produção de etanol continua em expansão, especialmente no Brasil e na Índia.
- Os estoques finais globais de milho deverão cair cerca de 7% em 2026/27, refletindo um crescimento da demanda superior ao da oferta a médio prazo.

Figura 6 - Milho – Mundial: produção, consumo e estoque final



Fonte: USDA, julho/2026



Soja

Haroldo Tavares Elias

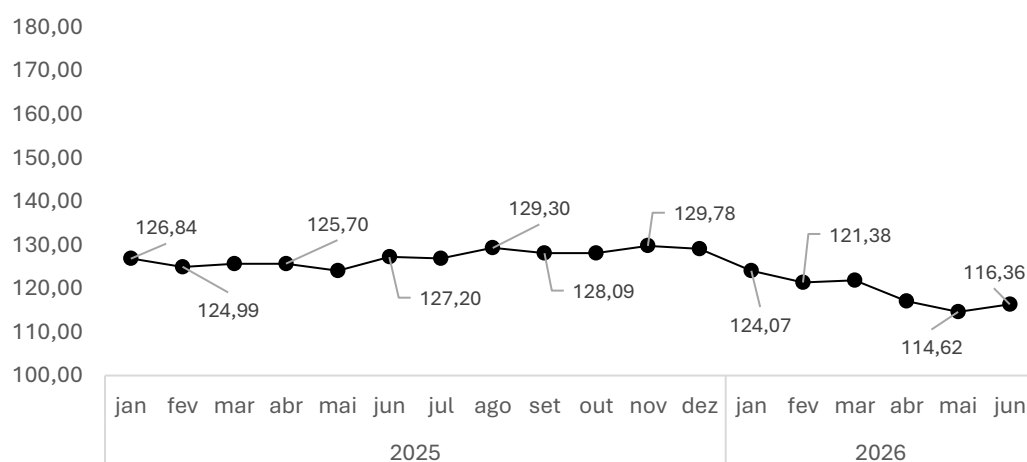
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa

htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

Após registro de menor cotação dos últimos anos, os preços da soja esboçam reação. Em junho o preço médio da soja ao produtor apresenta alta de 1,2% em 30 dias (Figura 1 e 2), registro de R\$116,36/sc, média estadual pago ao produtor. A safra volumosa no Brasil de 180 milhões de toneladas¹ o clima favorável no início de plantio nos Estados Unidos até junho elevou a expectativa da oferta global da oleaginosa na safra 2025/26 para 441 milhões de toneladas⁴. No entanto, o cenário futuro (2026/27) poderá se alterar, o risco climático na atual safra nos EUA e elevação da demanda mundial pela oleaginosa já dá sinais que o cenário de queda poderá se reverter (Figura 3). O conflito no oriente médio tem sido o principal fator das instabilidades do mercado.

Figura 1 - Soja – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor por saca de 60Kg (2025/26) – Preços corrigidos IGP-DI



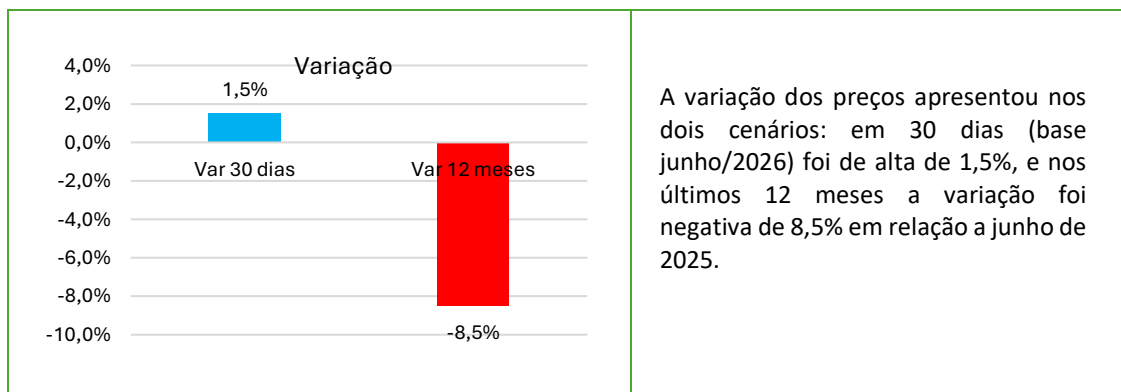
Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

⁴ Global Market Analysis. Foreign Agricultural Service/USDA 15 July 2026 Global Market Analysis



Variação dos preços

Figura 2 - Soja - SC: Variação dos preços médio real mensal ao produtor em 30 dias e 12 meses (base abril/2026)



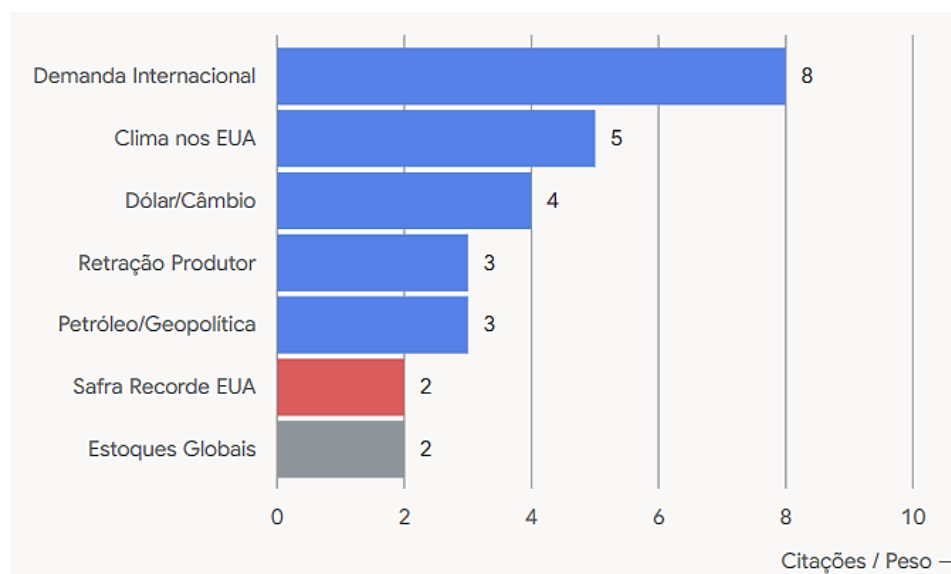
Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

Conjuntura do mercado de soja - julho

Tendência: fatores que predominam no sentido de elevação dos preços.

O mercado no período está com um viés predominantemente altista, os fatores estão representados: azul para forças de alta, vermelho para forças de baixa (como a projeção de safra recorde do USDA que limita maiores altas) e cinza para fatores de impacto neutro. Os fatores externos em destaque: demanda internacional e clima da atual safra nos Estados Unidos.

Figura 3 - Soja – Mercado: principais fatores que atuaram no mercado em início de julho de 2026, impacto relativo citados em mais de 50 matérias⁽¹⁾



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

⁽¹⁾ Auxílio: Gemini, ChatGPT, Grok IA, Google alerta.



Safra Catarinense 2025/26 – safra total (1ª e 2ª safras)

Em 2025/26, foi caracterizada pela queda da produtividade nas duas safras. Diminuição da área de cultivo na primeira safra. Mesmo com o aumento da área cultivada na segunda safra, a produção **teve uma diminuição de 5,7%. Na atual safra foi produzido 3,09 milhões de toneladas, uma redução de volume produzido de 190 mil toneladas em comparação a safra anterior.** Contudo, a produção é considerada satisfatória, com redução significativa da produtividade nas regiões de Lages e Canoinhas, onde foram registradas adversidades climáticas no decorrer da safra.

Segunda safra total – Dados de safra fechada

Tabela 1 - Soja total (soma das 1ª e 2ª safra) – Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

Microrregião	Safra 2024/25			Safra 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Canoinhas	161.917	4.796	776.535	167.173	3.849	643.497
Xanxerê	140.510	3.902	548.222	147.910	3.775	558.322
Curitibanos	129.760	3.955	513.243	129.833	4.197	544.959
Chapecó	87.470	3.667	320.745	112.930	3.337	376.839
Campos de Lages	87.400	3.788	331.030	90.950	3.269	297.312
Joaçaba	67.279	4.005	269.465	65.960	3.952	260.686
São Miguel do Oeste	45.370	3.571	162.021	54.539	3.383	184.505
Ituporanga	9.800	3.663	35.895	16.600	3.291	54.625
São Bento do Sul	12.000	5.168	62.016	12.250	3.916	47.972
Concórdia	10.165	3.851	39.143	10.750	3.883	41.741
Rio do Sul	11.670	3.448	40.236	10.400	3.935	40.924
Criciúma	2.933	3.570	10.471	6.310	3.401	21.463
Araranguá	793	3.534	2.803	2.416	2.772	6.697
Tubarão	1.250	3.412	4.265	1.876	3.297	6.185
Blumenau	400	4.150	1.660	400	4.150	1.660
Tabuleiro	-	-	-	100	3.200	320
Total Geral	829.832	3.946	3.274.675	830.397	3.718	3.087.706

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras

A safra de soja, primeira safra de 2025/26, teve uma diminuição na área plantada de 1,5%. Os dados finais da safra apontam para redução de 5,1% na produtividade em relação à safra anterior, a qual foi a melhor da série histórica. Esta diminuição da produtividade das lavouras reflete na redução produção estadual em 6,5% na primeira safra. Quanto a segunda safra de 2025/26, teve aumento significativo na área plantada de 20,4%, registro de mais de 70 mil hectares de cultivo no estado. A produção total de soja no estado está estimada em 3,09 milhões de toneladas.



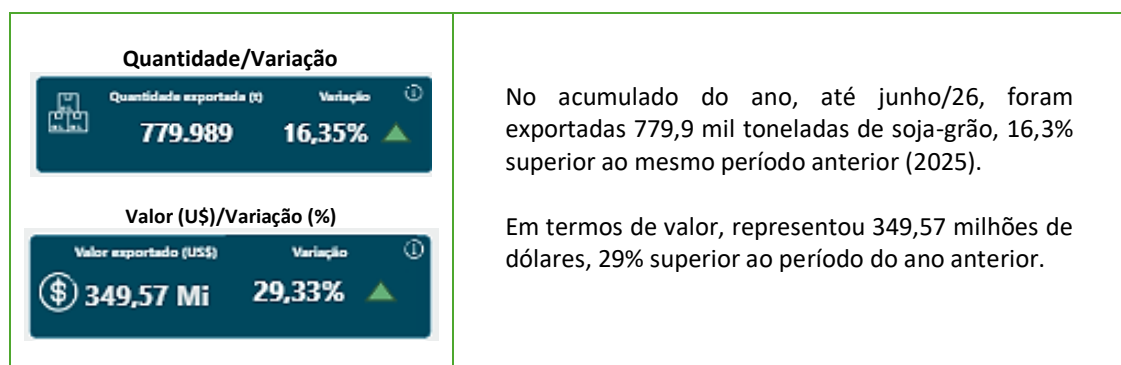
Tabela 2 - Soja 1ª e 2ª safra – Área, produção e rendimento – Comparativo de safras 2024/25 e 2025/26

	Safra 2024/25			Safra 2025/26		
	Área plant. (ha)	Prod méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Soja 1ª safra	770.529	4.054	3.123.725	758.987	3.847	2.919.823
Soja 2ª safra	59.303	2.538	150.511	71.410	2.344	167.385
Soja total	829.832	3.946	3.274.673	830.397	3.718	3.087.208

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras

Exportações de soja por Santa Catarina – 2026

Figura 4 - Soja – SC: exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até junho de 2026 – Comparativo ao mesmo período do ano anterior – 2025



Fonte: Comex Stat/Mdic, julho/2026. Elaboração: Epagri/Cepa

Safra Nacional

A Conab⁵ estima na atual safra 2025/26 (Boletim jul./2026), neste levantamento, a área cultivada de soja foi elevada para 48.640,6 mil hectares, devido a novos resultados de mapeamentos, e a produtividade mantida em 3.712kg/ha. A produção agora está estimada em 180,6 milhões de toneladas, 5,3% superior à da safra 2024/25, e a maior já alcançada pelos produtores.

Figura 5 – Soja – Brasil: área, produção e rendimento – Safra 2024/25 – Comparativo safra 2025/26



Fonte: CONAB, acompanhamento de safra, julho/2026

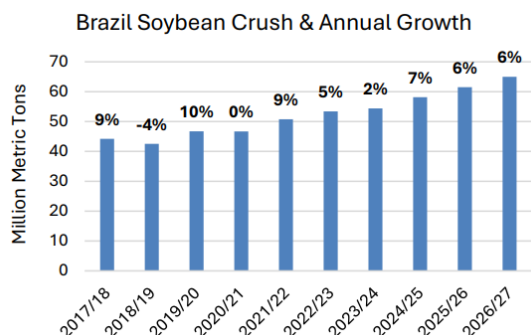
⁵ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.13 – safra 2025/26, nº 10 – Décimo levantamento | julho 2026.



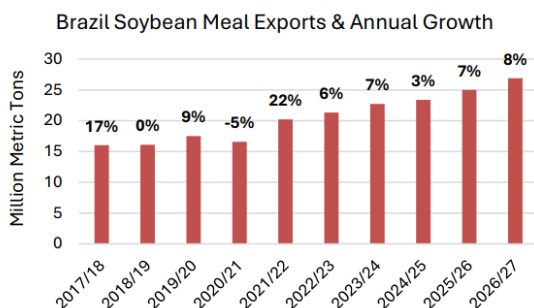
Soja – Esmagamento e exportações de derivados de soja (USDA⁶, jul, 2026)

- Destaque no relatório USDA de julho 2026

Evolução do esmagamento de soja no Brasil



Exportações de farelo de soja



Esmagamento de soja no Brasil

O esmagamento de soja do Brasil é projetado em 65 milhões de toneladas em 2026/27, alta de 3,5 milhões de toneladas em relação a 2025/26, dando continuidade a uma expansão que tem médias de 5% ao ano na última década.

A capacidade ativa de esmagamento é estimada pela ABIOVE em 77 milhões de toneladas em 2025, crescimento de quase 30% desde 2020.

Novas plantas de esmagamento devem entrar em operação em 2026 e 2027, em parte para atender à demanda de biodiesel — o mandato de mistura passou de B14 para B15 em meados de 2025, com passos futuros rumo ao B20 previstos na lei "Combustível do Futuro". O óleo de soja responde por quase três quartos dos óleos usados na produção de biodiesel no país.

O consumo industrial de óleo de soja (incluindo uso em biocombustível) deve subir 300 mil toneladas, para 7,3 milhões de toneladas em 2026/27.

As exportações de farelo de soja devem atingir recorde de 26,9 milhões de toneladas em 2026/27 (+1,9 milhão), com o Brasil seguindo como segundo maior exportador mundial, atrás da Argentina. A demanda global de importação de farelo deve crescer 4%, puxada por UE, Indonésia, Vietnã, México e Tailândia.

⁶ Global Market Analysis - Foreign Agricultural Service/USDA 2 July 2026 Global Market Analysis



Grãos



Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mercado brasileiro, os preços da saca de trigo recebido pelos produtores seguem em movimento altista. Em Santa Catarina no mês de junho, alta de 2,9%, fechando o mês em R\$67,49 sc/60kg. Na variação anual, queda de 11,1%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação positiva de 6,4%. No Paraná, no mercado-balcão, variação mensal de 3,2%.

Tabela 1 - Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) – Comparativo de preços pagos ao produtor (R\$/sc 60kg)

Estado	Mai./26	Jun./26	Variação mensal (%)	Jun./25	Variação anual (%)
Santa Catarina	65,59	67,49	2,90	75,88	-11,06
Goiás	88,29	85,50	-3,16	84,75	0,88
Minas Gerais	89,43	88,55	-0,98	90,36	-2,00
Mato Grosso do Sul	70,24	74,00	5,35	81,00	-8,64
Rio Grande do Sul	64,34	68,44	6,37	70,64	-3,11
Paraná	67,72	69,87	3,17	78,50	-10,99

Erro! Vínculo não válido.Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), jul./2026

A safra catarinense de trigo que está sendo semeada registra a menor área plantada dos últimos cinco anos. Esse cenário é resultado da projeção de fatores climáticos adversos (*El Niño*), dos baixos preços recebidos pelos produtores e dos altos custos de produção. Sobre o aspecto dos custos, o Custo Operacional Efetivo (COE) referencial do trigo, calculado em abril de 2026, ficou em R\$79,20/sc 60kg — um aumento de 6,7% em relação aos R\$74,00 praticados em abril de 2025. Paralelamente, a margem bruta apresentou uma queda drástica de 620,3%, o que, em termos nominais, representa uma retração de R\$225,40/ha para negativos R\$1.172,79/ha (uma perda equivalente a praticamente 20 sacas/ha).

Esse impacto negativo sobre a margem bruta foi impulsionado pela alta de 27,2% no orçamento de fertilizantes, sendo apenas atenuado pela redução nos valores orçados para operações mecânicas (-0,2%), defensivos agrícolas (-14,2%) e sementes (-11,5%). Contudo, a queda de 19,5% no preço médio da saca de 60 quilos de trigo, comparando abril de 2026, com abril de 2025, consolidou-se como o principal fator de pressão sobre a rentabilidade da cultura. Diante desse panorama, as quantidades de sacas necessárias para saldar o COE e o Custo Operacional Total (COT) no estado estão estimadas em 79,20sc/ha e 84,39sc/ha, respectivamente, volumes significativamente superiores à produtividade média das últimas cinco safras, que foi de 54,16 sacas/ha.

A crise de rentabilidade enfrentada pelos produtores catarinenses reflete um desalinhamento temporário entre a oferta global e os custos logísticos e de insumos. A recuperação da produção em grandes players exportadores mundiais (como a Rússia, a União Europeia e a própria Argentina, principal parceira comercial do Brasil no MERCOSUL) levou a um excesso de oferta global no primeiro semestre de 2026, forçando as cotações internacionais para baixo, impactando diretamente o preço pago ao produtor local. No que diz respeito à elevação nos



custos de produção, o aumento de 27,2% no custo dos fertilizantes em Santa Catarina, conecta-se à instabilidade nas cadeias de suprimentos globais e aos custos de energia nos países produtores de adubos. Como o Brasil é altamente dependente da importação desses insumos, o produtor nacional absorve essa inflação internacional, mesmo quando o preço final do grão está em queda.

Safra Brasileira

Segundo a Conab em todo país até o final de junho, 90,4% da área destinada ao cultivo de trigo já foi semeado. No Rio Grande do Sul, as chuvas concentradas na metade norte reduziram o avanço da semeadura. As lavouras apresentam bom desenvolvimento vegetativo, com o frio favorecendo o perfilhamento. A elevada umidade do solo dificulta as operações de manejo e a adubação de cobertura. No Paraná, predominam lavouras em desenvolvimento vegetativo, com áreas em emergência e floração. As temperaturas mais baixas e a adequada umidade do solo favorecem o perfilhamento e a qualidade das lavouras.

Em São Paulo, as lavouras apresentam bom desenvolvimento, com início da fase de alongamento na região de Itaberá. As baixas temperaturas e as precipitações favorecem o desempenho da cultura. Em Minas Gerais, a colheita avança nas áreas de sequeiro. As produtividades permanecem abaixo do esperado no Triângulo e Noroeste, enquanto as lavouras do Sul de Minas apresentam bom potencial produtivo devido às temperaturas mais amenas. Em Goiás, colheita de sequeiro avança de forma esparsa, com produtividades abaixo do esperado. As lavouras irrigadas mantêm bom desenvolvimento, com a maior parte das áreas em florescimento. No Mato Grosso do Sul e na Bahia, a adequada umidade do solo favorece o desenvolvimento da cultura que apresentam boas condições fitossanitárias.

Safra Catarinense

Até a última semana de junho, o plantio do trigo em Santa Catarina alcançou aproximadamente 45% da área destinada ao seu cultivo. Atualmente, 95% das áreas apresentam boas condições, enquanto 5% são classificadas como regulares. De forma geral, as lavouras implantadas apresentam boa germinação, emergência e início de desenvolvimento vegetativo.

Para as microrregiões de Chapecó e Xanxerê, a precipitação expressiva registrada durante as últimas semanas manteve uma boa disponibilidade de umidade no solo, favorecendo a germinação, a emergência e o estabelecimento inicial das lavouras. As baixas temperaturas registradas são favoráveis ao desenvolvimento inicial da cultura, contribuindo para um bom perfilhamento e para o acúmulo de biomassa, desde que não ocorram períodos prolongados de encharcamento do solo. Em algumas propriedades, o excesso de umidade limitou o avanço das operações de semeadura, ocasionando atrasos pontuais.

Nas microrregiões de Curitiba, Concórdia e Joaçaba, o mês de junho foi marcado por um grande volume de chuvas e queda brusca na temperatura. Em função dessa condição, as operações de semeadura ficaram prejudicadas. Assim que o tempo permitir, os trabalhos serão retomados; a janela ideal de plantio vai até 25 de julho. Lavouras já implantadas desenvolvem-se normalmente, mas necessitam de sol. Algumas áreas já aguardam melhores condições de





clima para receber adubação nitrogenada em cobertura. Já na microrregião de São Miguel do Oeste, o excesso de chuvas tem prejudicado as operações de semeadura; por outro lado, a chegada do frio intenso é favorável ao desenvolvimento inicial e ao perfilhamento.

Para a safra 2026/27, a partir do segundo mês de acompanhamento, a área plantada de trigo no estado sofreu nova redução, passando de 104,5 mil hectares para 71,2 mil hectares, uma queda de praticamente 32%. Da mesma forma, a produtividade média deverá reduzir em aproximadamente 4,2%. Com isso, nossas estimativas apontam para uma produção de aproximadamente 250 mil toneladas, volume que representa uma redução de quase 35% em relação à safra anterior.

Tabela 2 - Trigo – Comparativo de safras

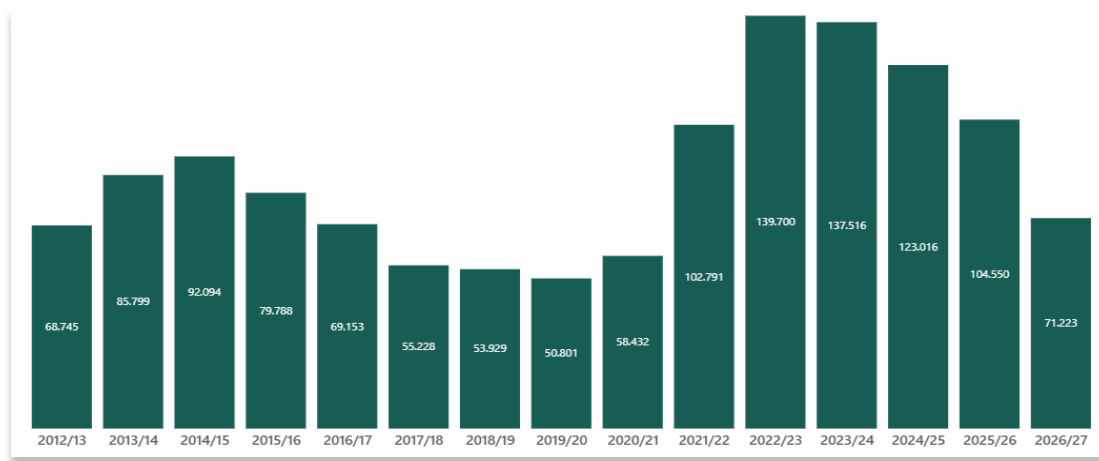
Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa Safra 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Prod. (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	567	3.098	1.756	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	3.680	3.455	12.714	2.183	3.576	7.805	2,88	-40,68	3,49	-38,61
Canoinhas	16.700	3.488	58.245	13.170	3.485	45.893	16,91	-21,14	-0,09	-21,21
Chapécó	22.208	3.538	78.562	18.355	3.303	60.629	22,33	-17,35	-6,63	-22,83
Concórdia	2.310	4.052	9.361	1.645	3.973	6.536	2,41	-28,79	-1,96	-30,18
Criciúma	419	3.157	1.323	65	2.808	183	0,07	-84,49	-11,07	-86,20
Curitibanos	15.750	4.577	72.083	8.255	4.182	34.523	12,72	-47,59	-8,62	-52,11
Ituporanga	1.190	2.399	2.855	510	2.375	1.211	0,45	-57,14	-1,03	-57,58
Joaçaba	7.540	3.875	29.216	4.855	3.863	18.754	6,91	-35,61	-0,31	-35,81
Rio do Sul	1.125	2.470	2.779	1.125	2.310	2.599	0,96	0,00	-6,48	-6,48
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	560	3.343	1.872	0,69	-20,00	0,00	-20,00
São M. do Oeste	11.120	3.552	39.504	8.550	3.502	29.943	11,03	-23,11	-1,42	-24,20
Tabuleiro	57	3.100	176,7	50	3.000	150	0,06	-12,28	-3,23	-15,11
Tubarão	401	3.008	1.206	50	2.500	125	0,05	-87,53	-16,90	-89,64
Xanxerê	20.780	3.415	70.954	11.850	3.350	39.699	14,62	-42,97	-1,89	-44,05
Santa Catarina	104.547	3.664	383.075	71.223	3.509	249.920	100,00	-31,87	-4,23	-34,76

Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

O panorama para a safra de trigo em Santa Catarina em 2026 apresenta um dos cenários mais desafiadores dos últimos anos. A combinação de preços deprimidos e insumos inflacionados resultaram em uma margem bruta extremamente negativa, operando como um desincentivo direto ao produtor, o que justifica a menor área plantada dos últimos seis anos. Para que o setor recupere o fôlego nas próximas safras, será fundamental: retração ou estabilização nos preços internacionais dos fertilizantes; adoção por parte dos produtores de ferramentas de gestão de risco (como contratos futuros e seguro agrícola) para mitigar a volatilidade e, apoio governamental por meio de políticas de garantia de preços mínimos (PGPM) ou subsídios ao seguro, sob o risco de o estado perder espaço estratégico na produção de inverno e aumentar sua dependência do trigo importado.



Figura 1 - Trigo – SC: evolução da área plantada de trigo



Fonte: Observatório Agro Catarinense, ago./2026

Erro! Vínculo não válido.



Hortalças

Alho.....	38
Cebola	42



Hortaliças



Alho

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

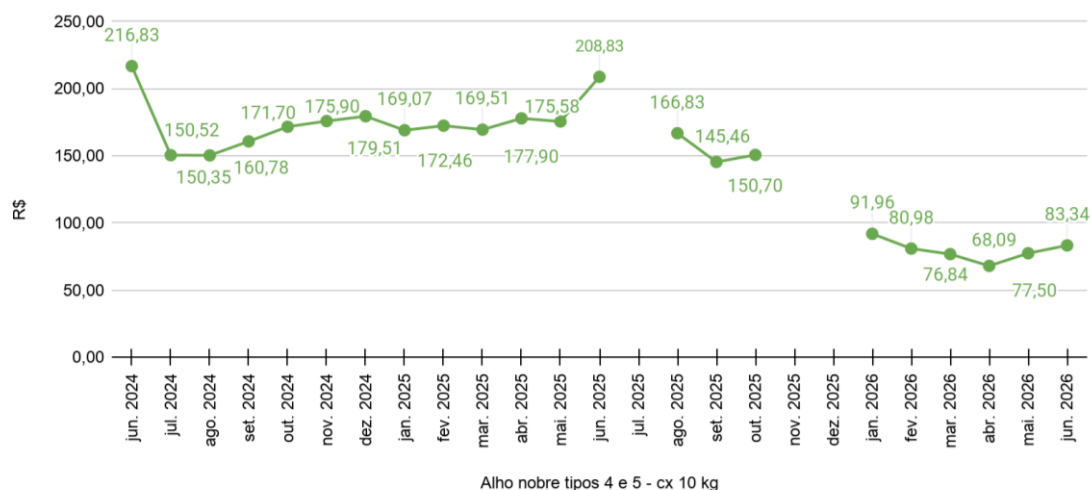
Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

No mês de junho finalizou a comercialização do alho catarinense. Conforme a Figura 1, o preço ao produtor ficou em R\$8,33 o quilo do produto. Esse preço é 8% superior ao praticado em maio, mas está 60% abaixo do preço registrado em junho de 2025.

Desta forma, o preço do alho entre maio e junho de 2026 apresenta uma tendência muito similar à verificada em 2024 e 2025: o preço sobe. Porém o aumento deste ano sai de patamares bem diferentes: em junho dos anos anteriores, o preço do alho chegou a R\$21,68 e R\$20,88, respectivamente.

A despeito de o preço de junho deste ano estar em patamares bem abaixo dos registrados em 2024 e 2025, os consecutivos aumentos de maio para junho parecem indicar uma janela de oportunidades para os alhicultores.

Figura 1 - Alho – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor (jun./2024 a jun./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para junho de 2026.

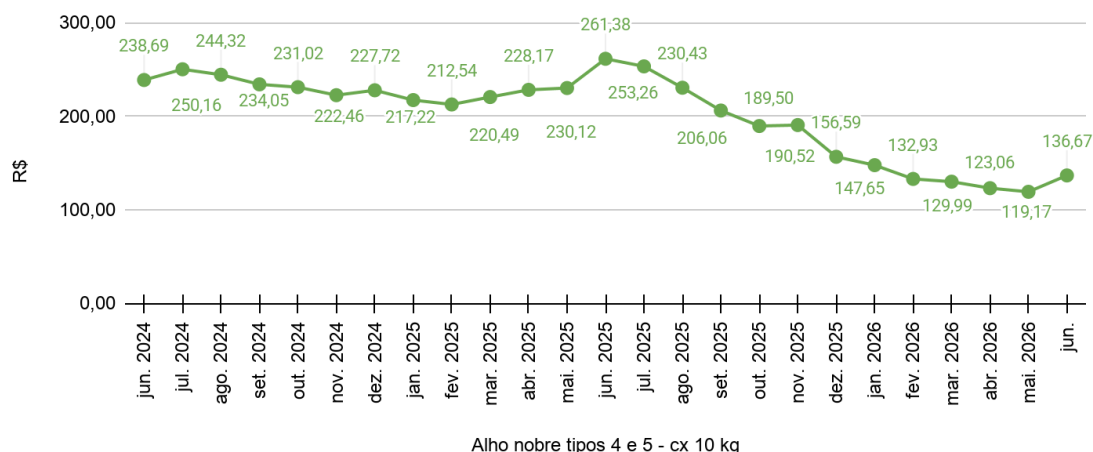
No atacado o comportamento dos preços demonstrou incremento de 15% sendo vendido, na média, a R\$13,66 o quilo. Já com relação ao mesmo mês do ano passado, o decréscimo foi de 48%. Esses valores estão dispostos para unidades de medida em caixas de 10 quilos na Figura 2.

Destaca-se que em outras unidades da federação o preço está baixo também. Minas Gerais e Goiás iniciaram a colheita, mas não a comercialização. De modo que, até junho, o mercado



interno estava sendo abastecido pela produção sulina, remanescentes da safra do Cerrado e pelo produto importado.

Figura 2 - Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado – (jun./2024 a jun./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026.

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para junho de 2026.

Safra Catarinense

Não houve muitas atualizações nas estimativas iniciais da safra, mantendo-se a expectativa de redução de, aproximadamente, 100 hectares de área comercialmente cultivada. A redução é impulsionada pelo excesso de oferta no primeiro semestre de 2026 decorrente do represamento no escoamento da safra do Cerrado e pela importação, cuja principal origem é a Argentina. Na Tabela 1, é possível visualizar os dados que estão se desenhando para a safra atual. Nessa tabela os dados são confrontados com aqueles da safra passada.

Tabela 1 - Alho – SC: Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa Safra 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	16	9.938	159	15	9.933	149	2,04	-6,25	-0,04	-6,29
Curitibanos	405	11.894	4.817	361	10.960	3.957	54,23	-10,86	-7,85	-17,86
Joaçaba	326	11.847	3.862	270	11.815	3.190	43,73	-17,18	-0,27	-17,4
Total Geral	747	11.831	8.838	646	11.293	7.296	100,00	-13,52	-4,55	-17,45

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026



Embora as chuvas e as temperaturas baixas registradas ao longo do mês de junho tenham prejudicado os trabalhos, o alho segue sendo plantado conforme o período costumeiro.

No dia 23 de junho de 2026 foi concedido pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) o registro de reconhecimento de Indicação Geográfica (IG) para o alho roxo do Planalto Catarinense. A IG abrange os municípios de Caçador, Lebon Régis, Fraiburgo, Monte Carlo, Brunópolis, Curitibanos e Frei Rogério e foi requerida pela Cooperativa Regional Agropecuária do Meio-Oeste Catarinense (COPAR).

Na Revista de Propriedade Industrial nº 2894 fica reconhecido que o alho roxo produzido nessa região possui características fenotípicas, fisiológicas e fitoquímicas que o diferenciam do alho roxo produzido em outras regiões brasileiras. Essa diferenciação ocorre porque há uma interação contínua entre fatores: climáticos (alta variação da temperatura e altitude), pedológicos (solos Nitossolos e Latossolos com características distintas) e humanos (saber-fazer dos agricultores locais). Esses fatores integram-se na construção de qualidades distintivas do alho roxo catarinense.

Essa é uma conquista de um número expressivo de organizações envolvidas direta e indiretamente com a produção do alho roxo catarinense. Com essa indicação os produtores poderão valorizar o seu produto e angariar um preço diferenciado.



Importações

De maio para junho houve diminuição de 29%, aproximadamente, no volume importado de alho pelo Brasil. A retração foi de em torno de 5,72 mil toneladas. Já com relação ao mês de junho de 2025 a variação foi de menos de 10% com arrefecimento na incorporação de 1,5 mil toneladas, aproximadamente. O encolhimento no volume incorporado entre maio e junho foi verificado também para os anos de 2024 e 2025.

Se 2026 seguir o mesmo comportamento dos anos anteriores, a tendência é que até o mês de setembro as quantidades importadas sigam reduzindo. Na tabela a seguir constam os volumes mensais e totais de alho incorporados de 2024 a 2026.



Tabela 2 - Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a jun./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,3	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	16,66	14,28	19,47	13,75	-	-	-	-	-	-	95,66

Fonte: Comex Stat/MDIC, julho/2026. Em mil toneladas

O custo com a importação foi de, aproximadamente, US\$18,52 milhões. Esse volume é 26% menor que o despendido em maio e 23% menor que o de junho de 2025. Em valores absolutos, isso representa economia de em torno de US\$6,6 e US\$5,6 milhões, respectivamente. O arrefecimento nos dispêndios com a importação de alho é bem mais significativo em junho de 2026 que em junho de 2025. Na tabela a seguir constam os volumes de recursos mensais e totais de 2024 a 2026 com a incorporação do alho.

Tabela 3 - Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a jun./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,1	24,33	18,14	16,1	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,5
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,1	211,42
2026	17,64	20,83	20,11	18,45	25,12	18,52							120,67

Fonte: Comex Stat/MDIC, julho/2026. Valores nominais em milhões de dólares americanos

Houve um leve incremento no preço médio pago pelo quilo do alho importado. Dos US\$1,29 pagos em maio o preço foi para US\$1,34, em junho. Já em junho de 2025 o preço foi cotado em US\$1,58.

O preço mensal médio pago pelo quilo do alho importado em 2026 segue cotado em patamares abaixo dos registrados ao longo dos meses de janeiro e junho de 2025.

O alho importado veio da Argentina (68%), da China (19%) e do Egito (13%). O custo variou entre os países. O quilo do alho argentino custou US\$1,41, o alho chinês custou US\$1,18 e o alho egípcio custou US\$1,24.

Hortaliças



Cebola

Lillian Bastian

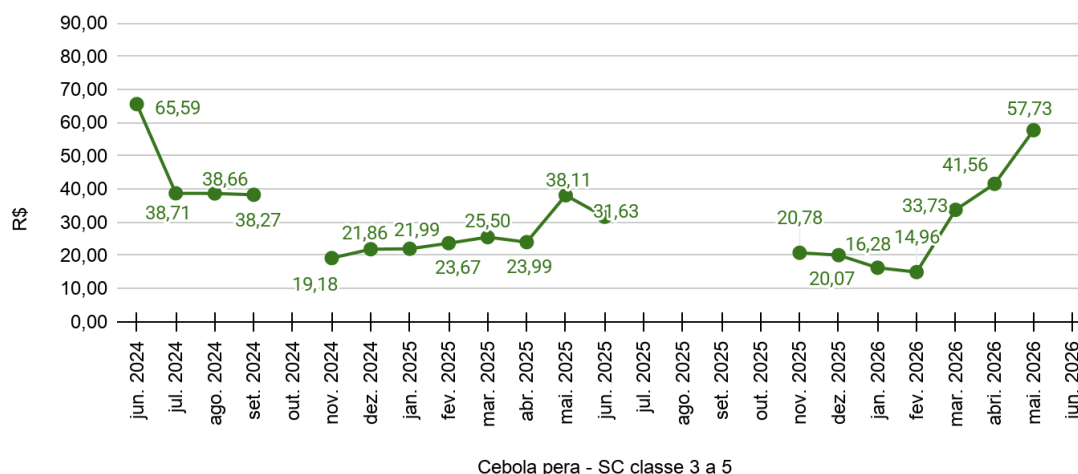
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço ao produtor e no mercado atacadista

A safra catarinense 2025/2026 da cebola foi finalizada no mês de maio, razão pela qual durante o mês de junho não foi registrado preço ao produtor. Na figura que vem na sequência, consta o preço da cebola, na roça, abrangendo o período de junho de 2024 até junho de 2026, para os meses em que foi identificada a comercialização.

Figura 1 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jun./2024 a jun./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

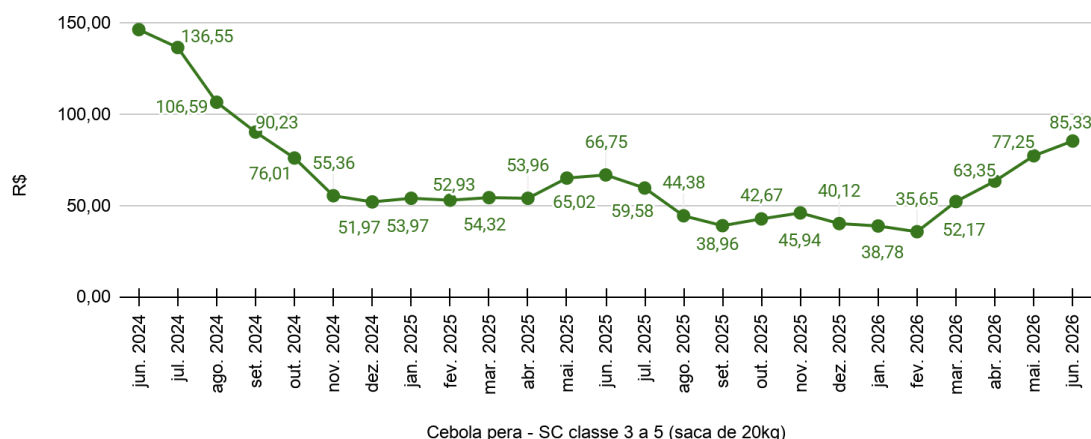
Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para junho de 2026.

Por sua vez, o preço no atacado é coletado de modo ininterrupto, servindo como parâmetro das oscilações nos preços ao longo do ano. As oscilações nos preços do atacado seguem um padrão similar àquele registrado ao produtor. Conforme a figura 2, o preço no atacado foi cotado a R\$4,26 o quilo, um aumento de 10% em relação ao mês de maio e de 28% no comparativo com o mês de junho de 2025.

O aumento no preço no atacado é resultado da baixa oferta do produto em Santa Catarina. A baixa oferta decorre tanto da finalização da safra sulina como de condições impróprias para a colheita em São Paulo. Choveu nesse estado e os bulbos precisam passar por um processo de secagem. Em Goiás e Minas Gerais a colheita segue conforme o amadurecimento das lavouras.



Figura 2 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (jun./2024 a jun./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para junho de 2026.

Safra Catarinense

O plantio de sementes em sistema de plantio direto e o transplântio de mudas para a safra 2026/2027 segue ocorrendo nas microrregiões produtoras do estado, no entanto a precipitação e as baixas temperaturas têm atrapalhado os trabalhos. Até o momento, foram plantadas em torno de 55% das áreas inicialmente previstas, conforme a imagem do calendário agrícola, ao lado. A maior parte das lavouras (92%) estão em boas condições.

A área total, a produtividade e a produção esperadas estão em fase de consolidação, podendo ocorrer alguns ajustes ao longo dos próximos meses. Na tabela 1 constam informações da safra passada e da safra vindoura. Como é possível observar, os números são muito similares àqueles já indicados no boletim anterior, havendo uma pequena redução de área em Frei Rogério (de 32 hectares caiu para 20 hectares). Desta forma, não houve grandes alterações nas estimativas iniciais.

A produtividade esperada para o estado é superior em 0,6% àquela registrada no ano passado. Já a área e a quantidade produzida são inferiores em, aproximadamente, 9%. No entanto, as estimativas de produção são para anos com condições climáticas mais próximas da normalidade. O fenômeno climático *El Niño* deve impactar na quantidade produzida e na produtividade, principalmente.





Tabela 1 - Cebola – SC – Distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Saфра 2025/26			Estimativa Saфра 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	0	0	0	0,00	-100	-100	-100
Campos de Lages	1.215	31.081	37.764	1.220	34.693	42.325	7,35	0,41	11,62	12,08
Canoinhas	170	43.235	7.350	170	43.235	7.350	1,28	0	0	0
Curitibanos	312	45.833	14.300	277	42.700	11.828	2,05	11,22	-6,84	-17,29
Ituporanga	8.723	34.211	298.422	8.058	34.247	275.962	47,92	-7,62	0,11	-7,53
Joaçaba	1.797	40.857	73.420	1.527	41.336	63.120	10,96	-	1,17	-14,03
Rio do Sul	1.757	32.461	57.034	1.632	32.500	53.040	9,21	-7,11	0,12	-7
Tabuleiro	3.861	27.149	104.823	3.256	26.963	87.790	15,24	-	-0,69	-16,25
Tijucas	1.282	28.748	36.855	1.230	28.049	34.500	5,99	15,67	-2,43	-6,39
Santa Catarina	19.120	32.951	630.028	17.370	33.156	575.915	100,00	-9,15	0,62	-8,59

Fonte: Epagri/Cepa, julho/2026

Para a primavera espera-se muita chuva abrangendo os meses de bulbificação da cebola, o que interferirá no desenvolvimento vegetativo e manejo dos bulbos. Muito possivelmente, os agricultores terão que adotar alternativas para a secagem das cebolas.

Importações

Os volumes importados de cebola regrediram após sucessivos aumentos. A diminuição de maio para junho foi de 29% ou 15,4 mil toneladas, aproximadamente. Essa retração indica que houve incremento no abastecimento de cebola de origem interna. No comparativo com o mesmo mês do ano passado, houve aumento de 70% ou 15,7 mil toneladas. Os dados do volume importado de cebola para os anos 2024, 2025 e 2026, em toneladas, são destacados na Tabela 2.

Tabela 2 - Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan./2024 a jun./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	23.355	42.265	53.502	38.108	-	-	-	-	-	-	157.833

Fonte: Comex Stat/MDCS, julho/2026. Em toneladas

Os dados indicam que as retrações em volumes incorporados entre maio e junho ocorreram também para 2024 e 2025, embora para o atual ano a redução não tenha sido tão significativa, o que pode indicar que em 2026 o abastecimento do mercado proveniente de produção interna esteja em patamares menores aos verificados no biênio anterior.



Destaca-se que, no ano de 2026, o volume incorporado já superou o volume importado em todo o ano de 2025.

Já com relação ao custo da importação, a redução em relação ao mês de maio foi menos significativa. A retração foi de 19% ou US\$2.886. Já com relação ao mesmo mês do ano passado houve incremento de 217% ou US\$8.499. Essas variações indicam que o produto incorporado ingressou a um custo mais elevado, tanto no comparativo com o mês anterior como em relação ao mesmo mês do ano passado. Os dispêndios em valores absolutos e nominais podem ser verificados na Tabela 3.

Tabela 3 - Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a jun./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116	12.412	10.250	15.299	12.412	-	-	-	-	-	-	50.628

Fonte: Comex Stat/MDIC, julho/2026. Valores nominais em mil dólares americanos

Cada quilo da cebola foi incorporado por US\$0,32, ao passo que no mês passado o preço pago por cada quilo foi de US\$0,28 e em junho de 2025 foi de US\$0,17.

A cebola importada veio da Argentina, do Chile, dos Países Baixos e da Nova Zelândia. A maior parte veio da Argentina, 66%. Em seguida aparecem os Países Baixos, que forneceram o equivalente a 23%. O Chile, com fornecimento de 9% e, por último, a Nova Zelândia, com 2%.

O preço do quilo da cebola da Argentina, Chile e Países Baixos aumentou no comparativo com o mês passado. Na tabela 4 é possível ver essa variação no preço. A Nova Zelândia ainda não tinha fornecido cebola para o Brasil em 2026. O preço do quilo da cebola neozelandesa foi de US\$0,47.

Tabela 4 - Cebola – Brasil: preço pago ao quilo de cebola importada, ao quilo (maio/2026 a jun./2026)

Países	Maio	Junho
Argentina	0,23	0,26
Países Baixos	0,36	0,37
Chile	0,45	0,57

Fonte: Comex Stat/MDIC, julho/2026. Valores nominais



Pecuária

Avicultura.....	47
Bovinocultura.....	52
Suinocultura	55
Leite	61



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

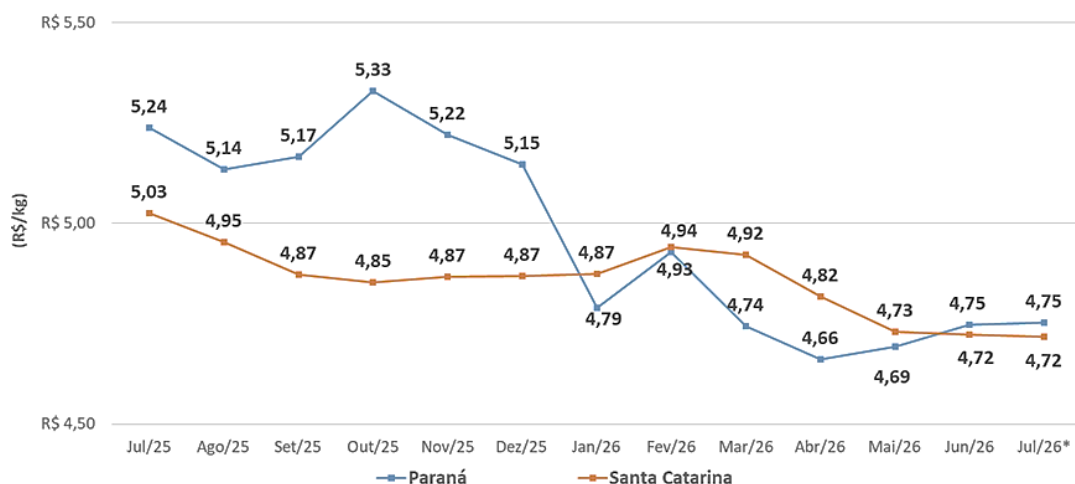
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de julho, os preços do frango vivo mantiveram-se estáveis nos dois principais estados produtores, na comparação com o mês anterior. Quando comparados com os preços de julho de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se variações negativas nos dois estados: -9,3% no Paraná e -6,1% em Santa Catarina.

Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores⁽¹⁾ (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

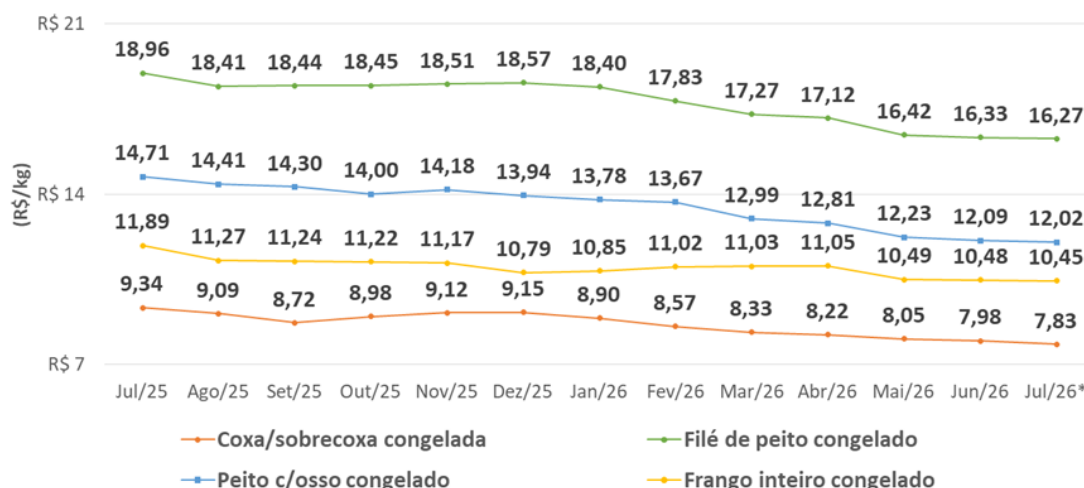
⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

No mercado atacadista, os primeiros dias de julho foram marcados por quedas nos preços de todos os cortes, quando comparados ao mês anterior: coxa/sobrecoxa (-1,8%); peito com osso (-0,6%); filé de peito (-0,4%) e frango inteiro (-0,3%). A variação média dos quatro cortes foi de -0,8%. No ano, a carne de frango acumula queda de 7,8%.



Figura 2 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

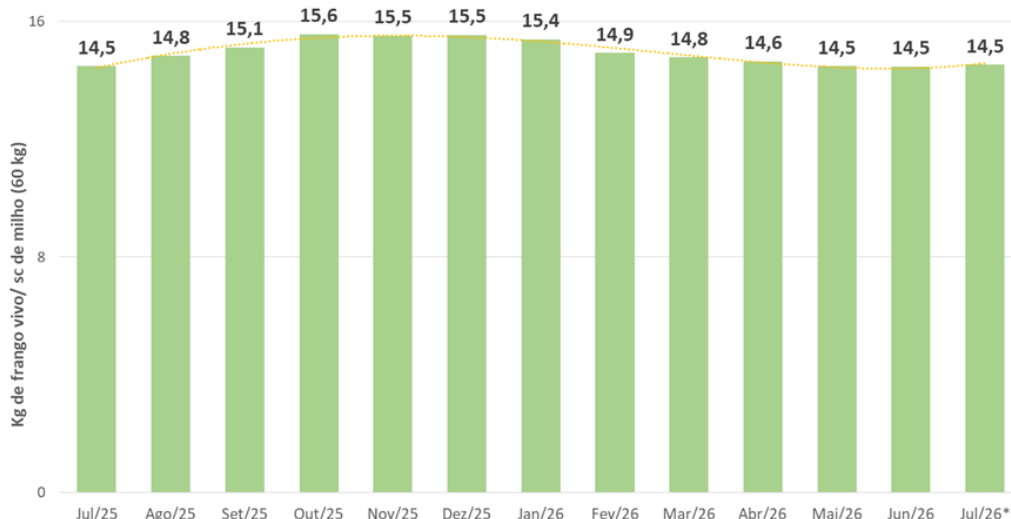
Ao comparar os valores deste mês com os de julho de 2025 – corrigidos pela inflação do período (IGP-DI) –, verifica-se que todos os cortes apresentaram variação negativa: peito com osso (-18,3%); coxa/sobrecoxa (-16,1%); filé de peito (-14,2%); e frango inteiro (-12,2%). A variação média dos quatro cortes foi de -15,2%.

Custos

A relação de troca insumo-produto manteve-se novamente estável nas duas primeiras semanas de julho em relação ao mês anterior. Na comparação entre julho de 2026 e o mesmo mês de 2025, registra-se pequena alta de 0,3%.



Figura 3 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho



Fonte: Epagri/Cepa

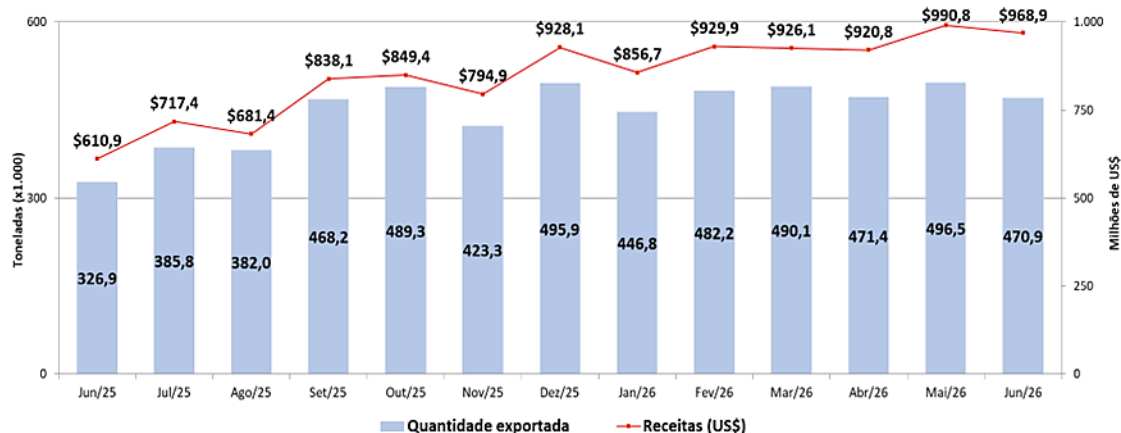
Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

Comércio Exterior

Em junho, o Brasil exportou 470,9 mil toneladas de carne de frango, o que representou queda de 5,1% em relação a maio, mas alta de 44,1% na comparação com junho de 2025. As receitas totalizaram US\$ 968,9 milhões, queda de 2,2% frente ao mês anterior, mas crescimento de 58,6% em relação a junho de 2025. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para o mês de junho.

Figura 4 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat



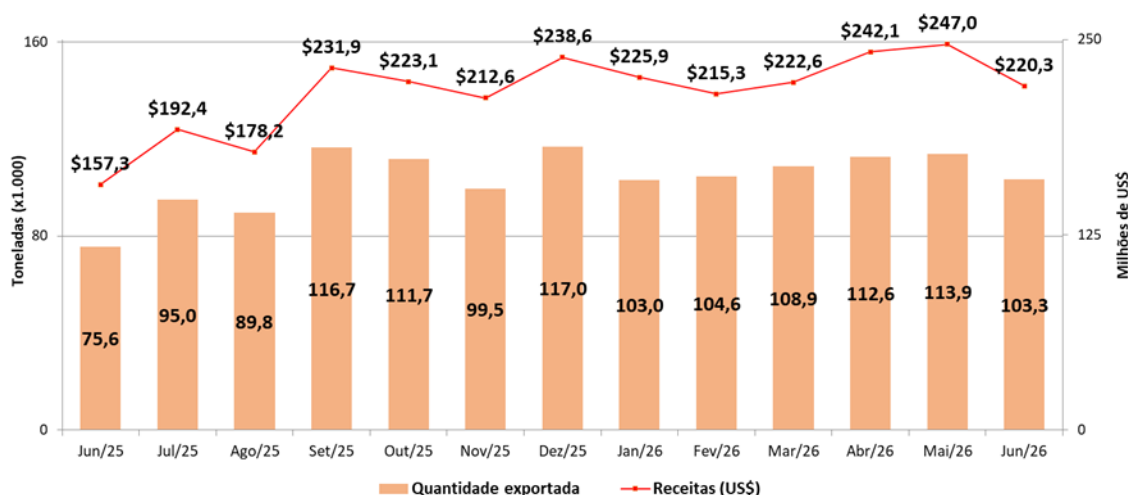
No 1º semestre, o Brasil exportou 2,86 milhões de toneladas, com receitas de US\$5,59 bilhões, altas de 13,6% e 17,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para o primeiro semestre do ano, tanto em quantidade quanto em valor.

Os principais destinos da carne brasileira nesse período do ano foram: China (13,8% das receitas do período), Japão (11,1%), Arábia Saudita (9,1%) e Emirados Árabes Unidos (7,3%).

Em junho de 2026, Santa Catarina exportou **103,3 mil toneladas** de carne de frango, volume que representa queda de 9,3% em relação a maio, mas crescimento de 36,6% na comparação com junho de 2025. Já as receitas com os embarques totalizaram **US\$220,3 milhões**, queda de 10,8% frente a maio, mas alta de 40,1% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado de junho representa o melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para o referido mês.

É importante destacar que, no início de maio de 2025, registrou-se o primeiro foco de influenza aviária em uma granja comercial no Rio Grande do Sul, o que derrubou de maneira expressiva as exportações nos meses seguintes e levou a uma base de comparação bastante reduzida.

Figura 5 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em maio foi de US\$2.107,49 por tonelada – queda de 0,6% em relação a maio e alta de 2,6% na comparação com junho de 2025.

No acumulado do 1º semestre do ano, o estado exportou **646,3 mil toneladas**, gerando **US\$1,37 bilhão** em receitas. Esses valores representam aumentos de 13,0% e 17,1%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas para o 1º semestre do ano, além do segundo melhor volume já registrado para o intervalo.

Em relação ao ano anterior, a maioria dos principais destinos apresentou variação positiva, com destaque para Países Baixos (alta de 28,0% em quantidade e 30,5% em receitas) e China (25,2% e 43,0%). O Japão, segundo maior comprador do frango catarinense, reduziu a quantidade



adquirida (-6,9%), mas ampliou as receitas (18,7%). Em relação ao Oriente Médio, predominaram quedas nos embarques, em especial para a Arábia Saudita (-3,9% em quantidade e -13,4% em receitas) e Emirados Árabes Unidos (-12,3% e -22,1%), resultado do conflito entre Estados Unidos, Iraque e Irã.

De janeiro a junho, os principais destinos da carne de frango catarinense foram Países Baixos (13,6% das receitas), Japão (11,7%), China (10,7%) e Arábia Saudita (9,1%). A Tabela 1 detalha os principais destinos das exportações catarinenses de carne de frango no período.

Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos	186.355.661,00	13,6	52.961	8,2
Japão	160.060.415,00	11,7	63.979	9,9
China	146.479.849,00	10,7	61.090	9,5
Arábia Saudita	125.279.531,00	9,1	58.523	9,1
Emirados Árabes Unidos	81.009.788,00	5,9	39.608	6,1
Demais países	674.032.148,00	49,1	370.102	57,3
Total	1.373.217.392,00	100	646.263	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina foi responsável por 24,6% das receitas e 22,6% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil nos primeiros seis meses de 2026.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

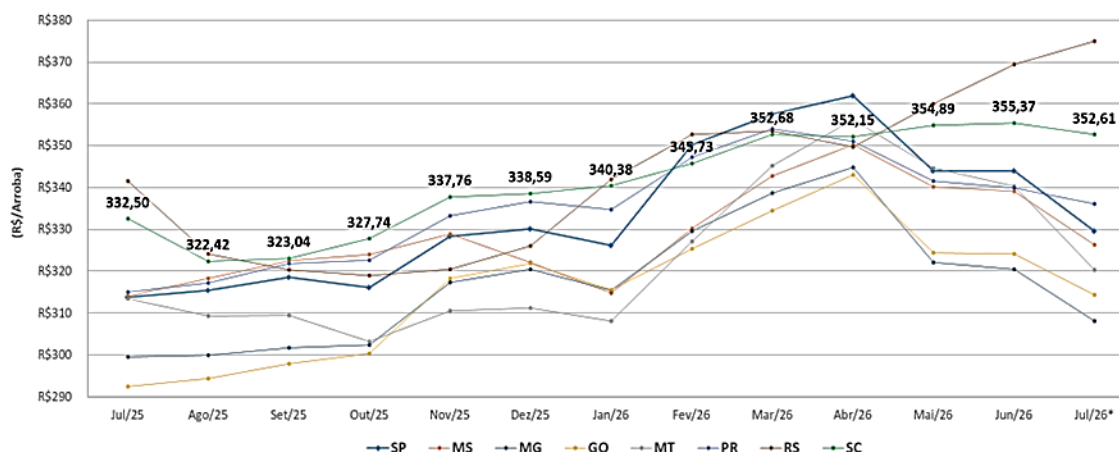
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de uma leve recuperação em junho, nas primeiras semanas de julho os preços do boi gordo voltaram a apresentar variações negativas na maioria dos principais estados produtores: - 5,9% no Mato Grosso; -4,2% em São Paulo; -3,9% em Minas Gerais; -3,8% no Mato Grosso do Sul; -3,0% em Goiás; -1,1% no Paraná; e -0,8% em Santa Catarina. O único estado que apresentou variação positiva no período foi o Rio Grande do Sul (1,5%).

Ao comparar os preços das primeiras semanas de julho deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todos os estados registraram altas no período: 9,8% no Rio Grande do Sul; 7,5% em Goiás; 6,7% no Paraná; 6,0% em Santa Catarina; 5,0% em São Paulo; 3,9% no Mato Grosso do Sul; 2,9% em Minas Gerais; e 2,2% no Mato Grosso.

Figura 1 - Boi gordo – SC1, SP2, MG2, GO2, MT2, MS2, PR3 e RS4: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)



Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

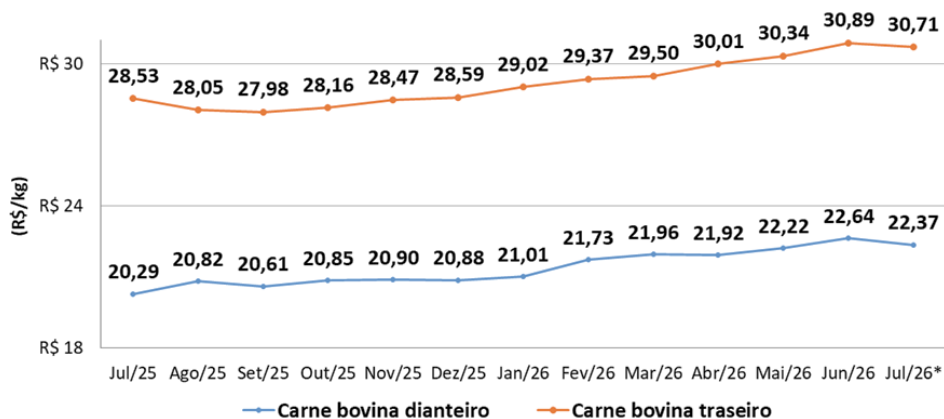
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

No mercado atacadista, todos os cortes apresentaram variações negativas nas primeiras semanas de julho em relação ao mês anterior. A carne de dianteiro caiu 1,2% e a carne de traseiro apresentou queda de 0,6%. A variação média do período foi de 0,9%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 10,9%.



Figura 2 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

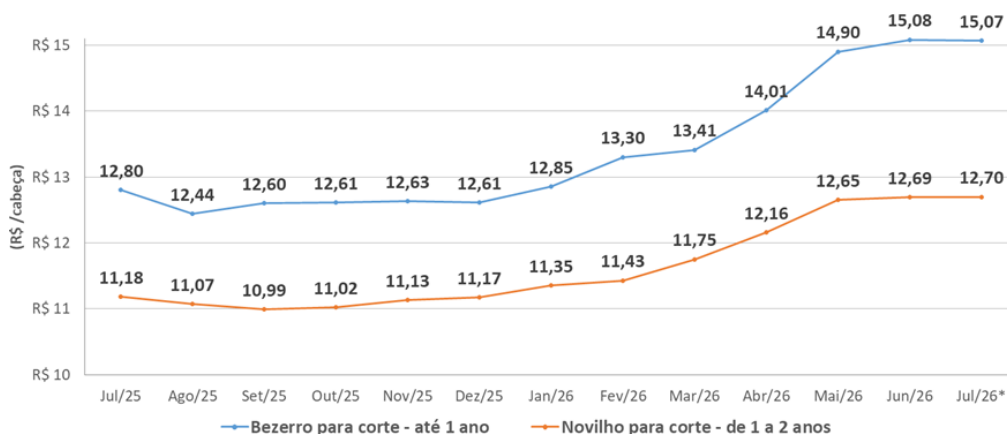
* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

Ao comparar os preços das primeiras semanas deste mês com as médias de julho de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, se observam variações positivas em ambos os cortes: 10,2% para a carne de dianteiro e 7,6% para a carne de traseiro, com média de 8,9%.

Custos

Nas duas primeiras semanas de julho, os preços das duas categorias de animais de reposição mantiveram-se praticamente estáveis em relação ao mês anterior. O preço dos bezerros de corte com até 1 ano apresentou pequena oscilação negativa de 0,1%, enquanto o dos novilhos de corte de 1 a 2 anos subiu 0,1%.

Figura 3 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

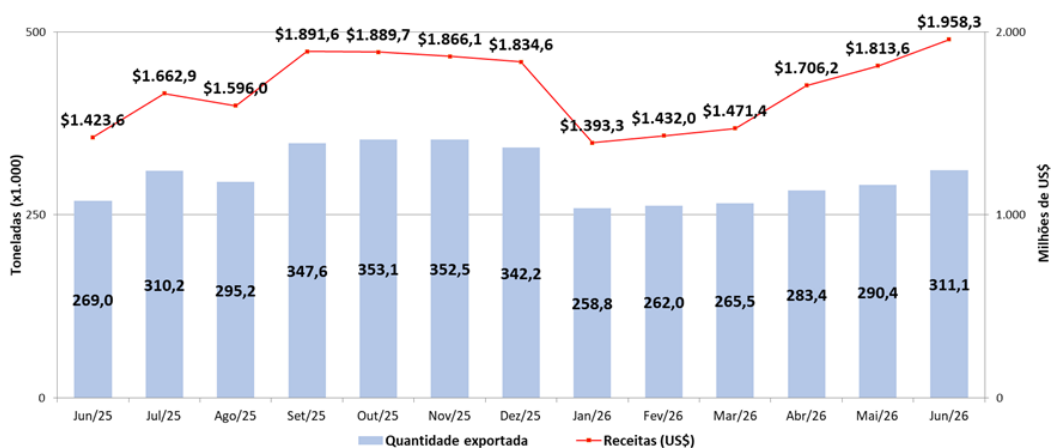


Na comparação entre os preços preliminares deste mês com os de julho de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas nos dois casos: 12,7% para os bezerros com até 1 ano e 8,7% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Comércio Exterior

Em junho, o Brasil exportou **311,1 mil toneladas** de carne bovina, volume 7,1% superior ao de maio e 15,4% maior do que o de junho de 2025. As receitas foram de **US\$1,96 bilhão**, crescimento de 8,0% frente ao mês anterior e de 37,6% em relação ao mesmo mês de 2025.

Figura 4 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil no último mês foi de **US\$6.537,55** por tonelada – alta de 0,5% ante maio e de 20,0% em relação a junho de 2025.

No acumulado do 1º semestre, o Brasil exportou **1,67 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$9,77 bilhões**, altas de 14,7% e 35,8%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses são os melhores resultados para esse período do ano desde o início da série histórica, em 1997.

O principal destino da carne bovina brasileira exportada nos seis primeiros meses do ano foi a China, responsável por 49,3% das receitas geradas por esse produto. Os Estados Unidos, segundo principal destino, responderam por 13,8%.

Santa Catarina exportou **447,3 toneladas** de carne bovina em junho, com faturamento de **US\$1,70 milhão**, o que representou um crescimento impressionante de 227,4% em volume e de 164,8% em valor, na comparação com junho de 2025.

No acumulado do 1º semestre, o estado já exportou **2,77 mil toneladas**, com receitas de **US\$12,14 milhões**, expressivas altas de 182,2% e 189,0%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume, atrás apenas de 2005.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

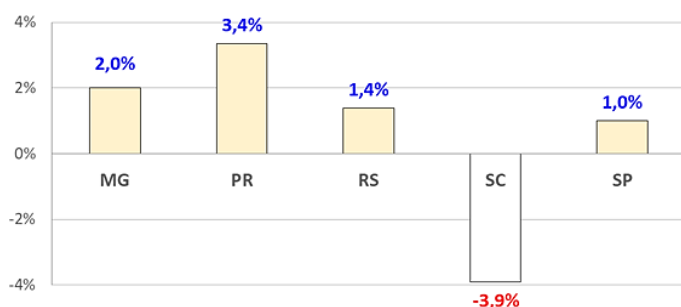
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeiras semanas de julho, observou-se uma pequena recuperação dos preços do suíno

Figura 1 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (jun.-jul./2026^(*))



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

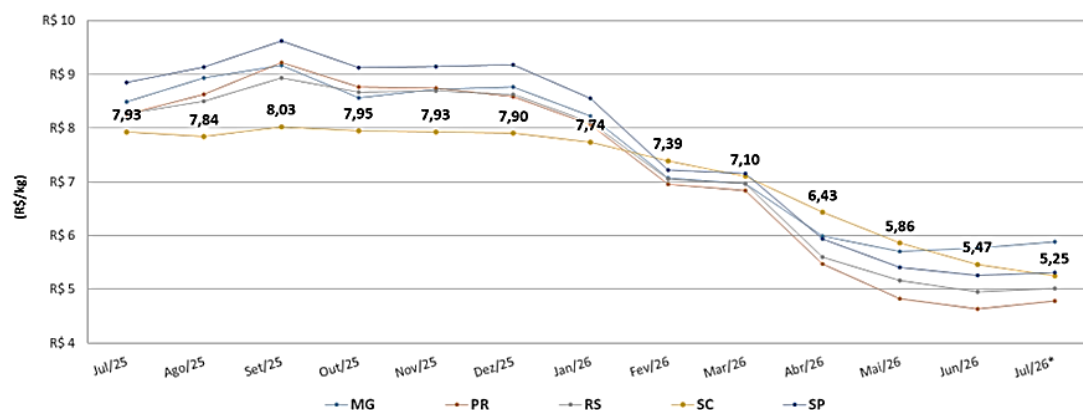
* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

vivo na maioria dos principais estados produtores, como evidencia a Figura 1. A única exceção foi Santa Catarina, que registrou queda no período.

Apesar dos resultados do corrente mês, quando se comparam os valores preliminares de julho deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, ainda verificam-se variações negativas bastante acentuadas em

todos os cinco estados analisados: -42,0% no Paraná; -40,0% em São Paulo; -39,3% no Rio Grande do Sul; -33,8% em Santa Catarina e -30,7% em Minas Gerais.

Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

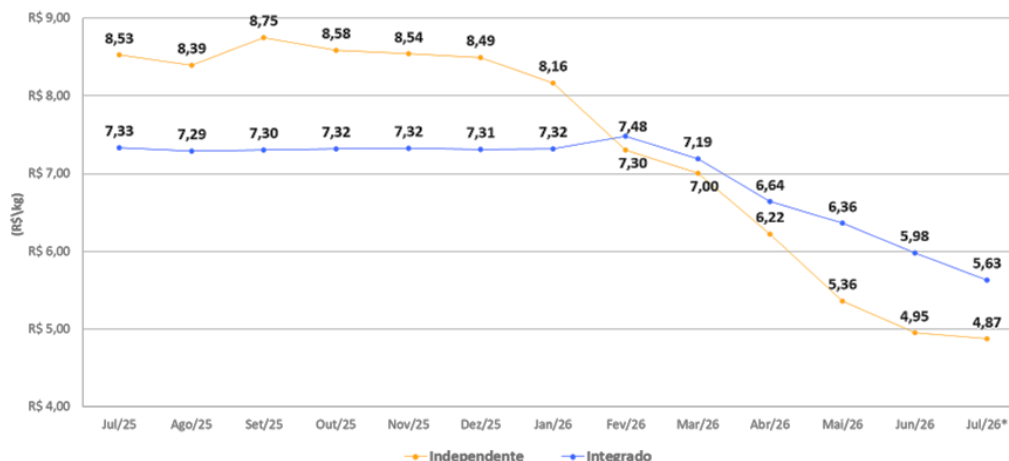
* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

Quando se comparam os perfis de produtores em Santa Catarina, verificam-se quedas nos dois grupos: -5,8% nos preços pagos aos produtores integrados e -1,6% nos preços aos produtores



independentes. Na comparação entre os valores de julho e os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI, se registram quedas mais expressivas em ambos os casos: -42,9% para os produtores independentes e -23,2% para os integrados.

Figura 3 - Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado



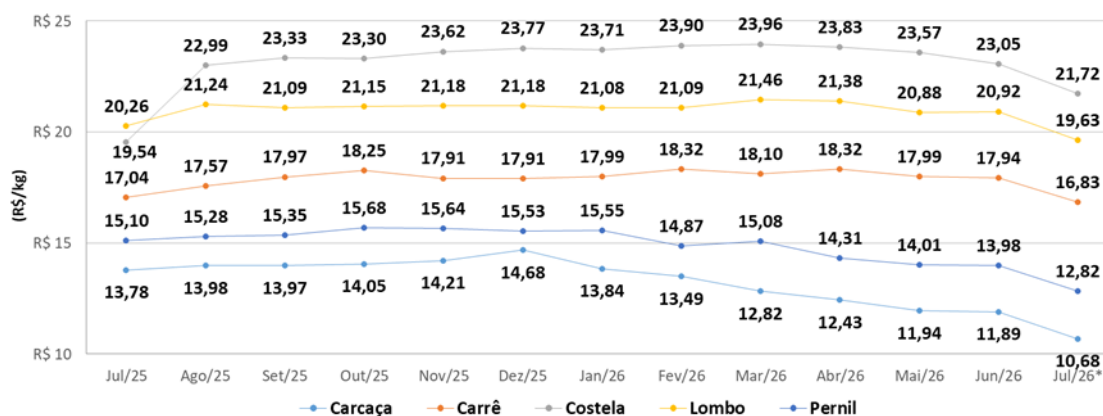
Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

Em relação ao mercado atacadista, todos os cortes suínos apresentaram variação negativa expressiva nas primeiras semanas de julho, quando comparados ao mês anterior: carcaça (-10,2%); pernil (-8,3%); carrê (-6,2%); lombo (-6,1%) e costela (-5,8%). Na média dos cinco cortes, a variação foi de -7,3%. No ano, a carne suína acumula queda de 10,6%.

Figura 4 - Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

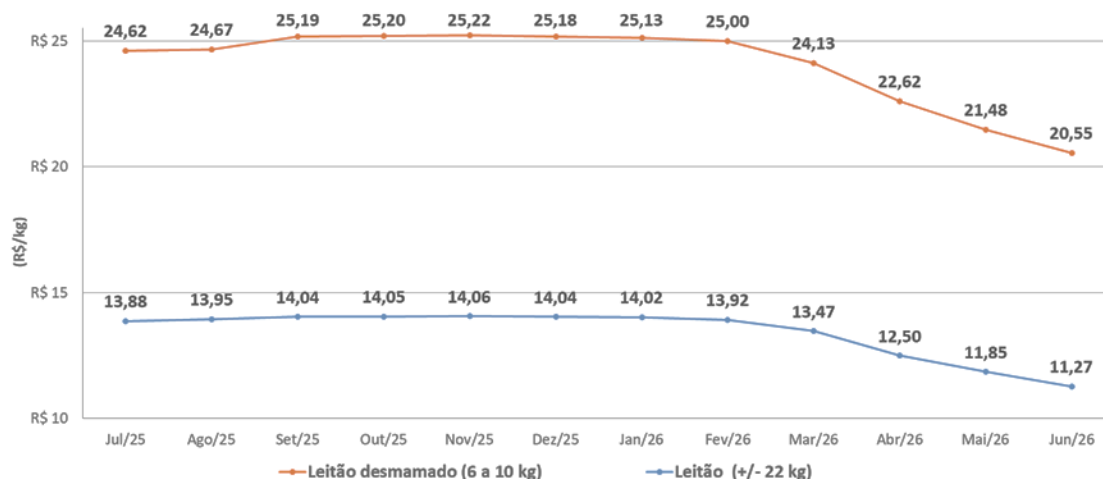


Ao comparar os valores de julho deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verifica-se um predomínio de quedas: carcaça (-22,5%); pernil (-15,1%); lombo (-3,1%) e carrê (-1,3%). Somente a costela suína apresentou variação positiva no período: 11,2%. Na média dos cinco cortes, observou-se queda de 6,2%.

Custos

Os preços dos leitões em Santa Catarina apresentaram variações negativas nas primeiras semanas de julho, movimento que vem sendo registrado desde fevereiro. Em relação às médias do mês anterior, os leitões de 6kg a 10kg tiveram queda de 3,9%, enquanto para os leitões de aproximadamente 22kg a queda foi de 4,5%.

Figura 5 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

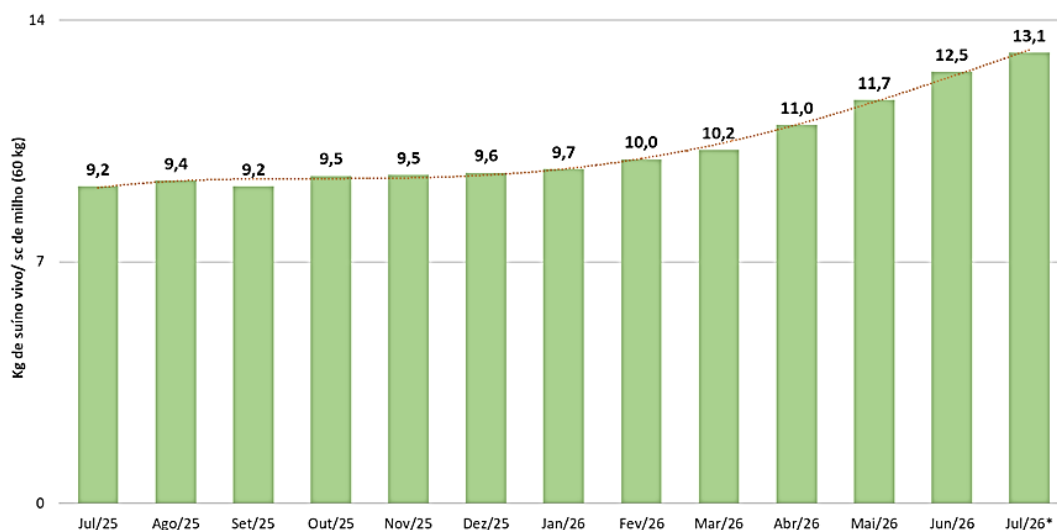
Na comparação entre os valores deste mês com os de julho do ano passado, corrigidos pelo IGP-DI, também se observam variações negativas nas duas categorias: -19,7% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -22,4% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

A relação de troca insumo-produto apresentou alta de 4,4% nas duas primeiras semanas de julho, cenário resultante da queda de 3,9% no preço médio estadual⁷ do suíno vivo, somada à alta de 0,3% no preço do milho (no atacado). Quando se compara o valor atual com o mesmo mês de 2025, verifica-se uma alta de 42,1% no índice. Isso significa que atualmente os produtores precisam de 3,98 kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho.

⁷ A partir da edição de janeiro do Boletim Agropecuário, a relação de troca insumo-produto passou a ser calculada levando em consideração os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).



Figura 6 - Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho



Fonte: Epagri/Cepa

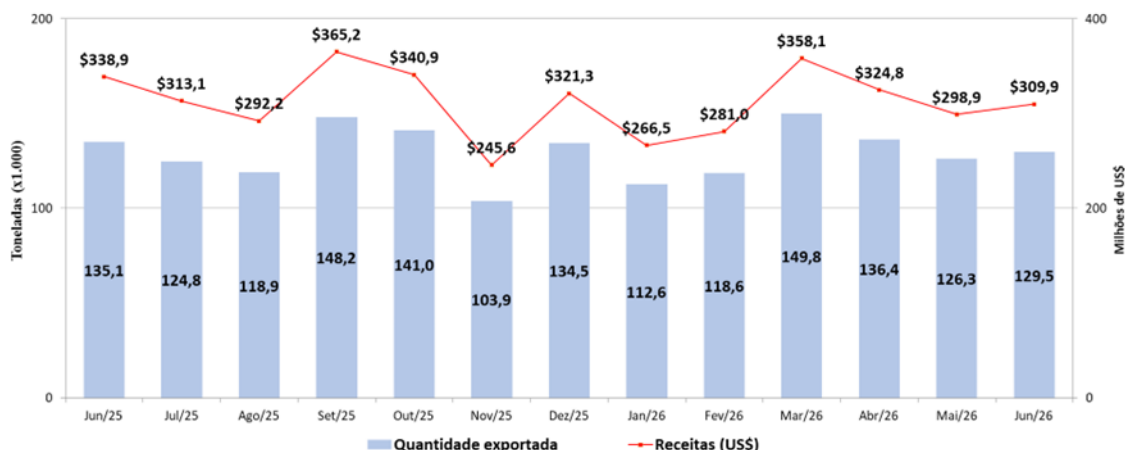
Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de julho de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 10 do mês).

Comércio Exterior

Em junho, o Brasil exportou 129,5 mil toneladas de carne suína, volume que representou uma alta de 2,6% em relação a maio, mas queda de 4,1% na comparação com junho de 2025. As receitas somaram US\$ 309,9 milhões, crescimento de 3,6% frente ao mês anterior, mas recuo de 8,6% em relação a junho do ano passado. O resultado de junho representa o segundo melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para o referido mês, atrás apenas de junho de 2025.

Figura 7 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

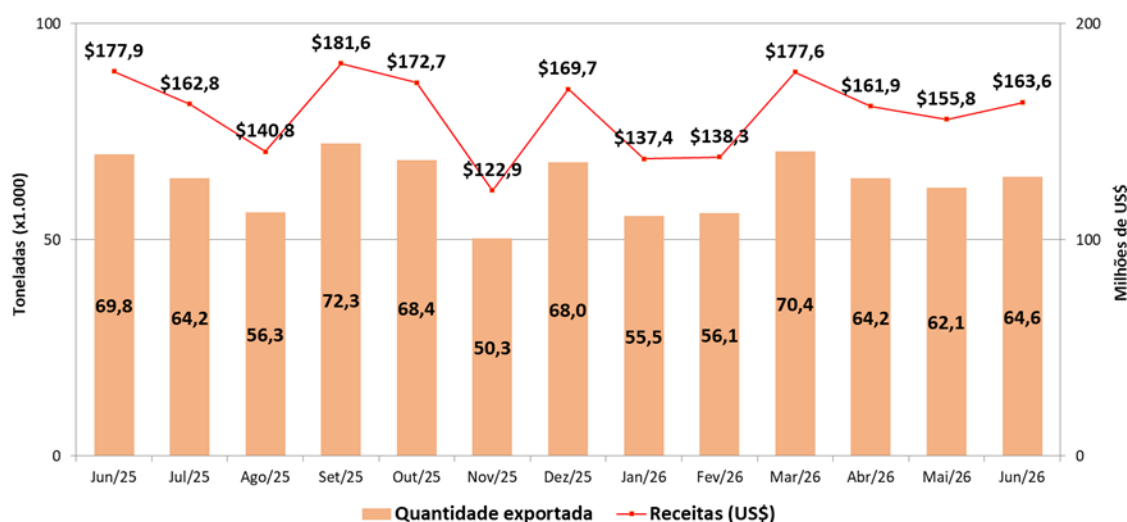


No acumulado 1º semestre, o país exportou 773,1 mil toneladas de carne suína, com receitas de US\$ 1,84 bilhão, valores que representam crescimentos de 10,5% e 8,3%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para o primeiro semestre do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras no período foram as Filipinas, que concentraram 25,2% das receitas totais, seguidas pelo Japão (16,8%), China (7,8%) e Chile (7,6%).

Em junho, Santa Catarina exportou **64,6 mil toneladas** de carne suína, alta de 4,1% em relação a maio, mas queda de 7,4% na comparação com o mesmo mês do ano passado. As receitas com os embarques totalizaram **US\$163,6 milhões**, crescimento de 5,0% frente a maio, mas queda de 8,1% ante junho de 2025. Os resultados de junho representam o melhor desempenho da série histórica para esse mês.

Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em junho ficou em **US\$2.616,96** por tonelada – alta de 0,3% ante maio, mas queda de 1,4% na comparação com junho do ano anterior.

No acumulado do 1º semestre, o estado exportou **372,9 mil toneladas**, gerando **US\$934,6 milhões** em receitas. Esses valores representam aumentos de 1,0% e 3,4%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica para os seis primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

Os principais destinos da carne suína catarinense de janeiro a junho deste ano foram Japão (33,1% das receitas), Filipinas (15,5%) e China (13,9%). Chama a atenção o forte crescimento registrado pelo Japão nesse período. O país ampliou suas aquisições de carne suína catarinense



em 66,6% em volume e 61,5% em receitas. Outros destaques foram a Coreia do Sul (crescimento de 34,5% em quantidade e 41,2% em receitas) e a Geórgia (213,5% e 210,3%, respectivamente). Em contrapartida, importantes destinos apresentaram variações negativas, como é o caso das Filipinas, da China e do Chile.

Tabela 1 - Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre/2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	308.991.622,00	33,1	92.306	24,8
Filipinas	145.105.235,00	15,5	66.246	17,8
China	130.094.002,00	13,9	59.063	15,8
México	66.704.691,00	7,1	28.777	7,7
Chile	66.103.675,00	7,1	28.735	7,7
Demais países	217.564.161,00	23,3	97.759	26,2
Total	934.563.386,00	100	372.886	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por **48,2%** do volume e **50,8%** das receitas totais das exportações brasileiras de carne suína nos seis primeiros meses do ano.



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

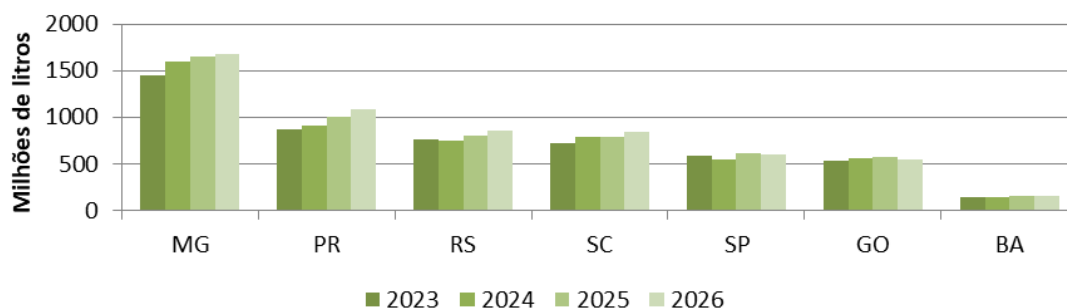
andreassing@epagri.sc.gov.br

Captação de leite

Santa Catarina

No mês de junho, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou os dados de captação de leite referentes ao primeiro trimestre de 2026. Dentre os sete estados de maior representatividade no volume captado — sendo eles, em ordem decrescente: Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Goiás e Bahia (Figura 1) —, a Região Sul destacou-se pelo maior crescimento percentual em comparação ao mesmo período do ano anterior (Tabela 1). Os principais incrementos foram registrados no Paraná (+9%), Rio Grande do Sul (+8%) e Santa Catarina (+6%).

Figura 1 - Captação de leite nos principais estados – Primeiro trimestre (2023-26)



Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, jul./2026

Tabela 1 - Captação de leite dos principais estados – Primeiro trimestre (2023-26) – em milhões de litros

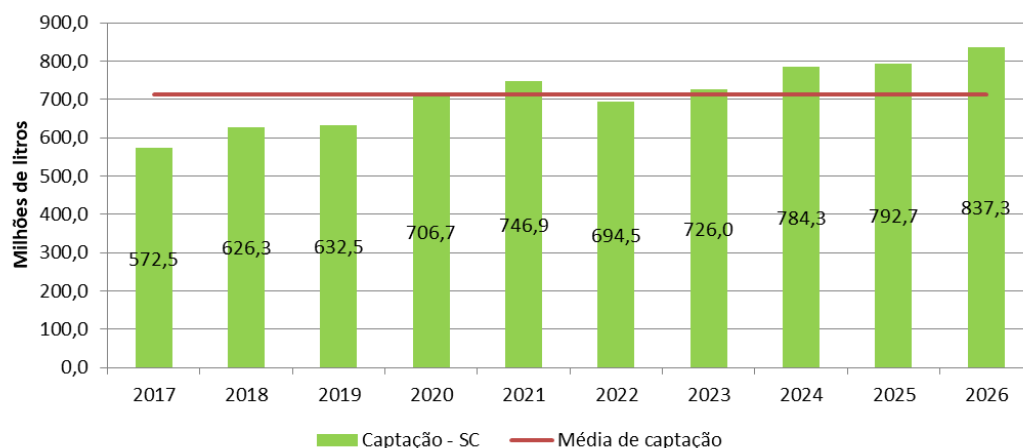
Estados	2023	2024	Var. (%)	2025	Var. (%)	2026	Var. (%)
MG	1.453	1.596	10	1.647	3	1.673	2
PR	870	909	5	1.003	10	1.092	9
RS	764	752	-2	802	7	863	8
SC	726	784	8	793	1	837	6
SP	586	547	-7	611	12	606	-1
GO	534	558	5	579	4	543	-6
BA	144	149	3	156	5	161	3
Outros	929	982	6	1.015	3	1.006	-1
Total	6.006	6.279	5	6.606	5	6.781	3

Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, julho/2026



Especificamente no cenário catarinense, as indústrias captaram 837 milhões de litros de leite no primeiro trimestre de 2026, volume que consolida a alta de 6% em relação ao mesmo trimestre de 2025. Embora esse avanço não represente o maior crescimento percentual já visto no estado para o período, em termos absolutos o volume estabelece um recorde histórico: trata-se da maior captação para um primeiro trimestre desde o início da série histórica, iniciada em 1997, posicionando-se 18% acima da média dos últimos dez anos (Figura 2).

Figura 2 - Captação de leite do estado de Santa Catarina no primeiro trimestre (2017-26)



Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, julho/2026

Comércio Exterior

Balança Comercial Láctea Brasileira

Em junho de 2026, o Brasil exportou 2,6 mil toneladas de produtos lácteos (figura 3), volume 25,7% inferior ao registrado em maio de 2026 (3,5 mil toneladas). Na comparação com junho de 2025, quando as exportações também somaram 2,6 mil toneladas, observa-se estabilidade no volume embarcado (variação de 0,0%).

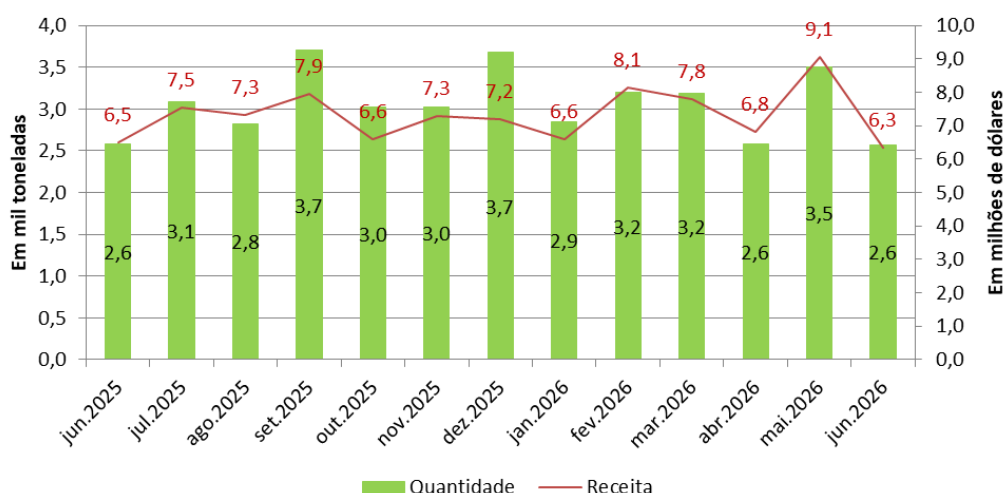
Em termos de receita, as exportações totalizaram 6,3 milhões de dólares (valor FOB), representando uma retração de 30,8% em relação a maio de 2026 (9,1 milhões de dólares). No comparativo interanual, a receita apresentou queda de 3,1% frente a junho de 2025, quando havia alcançado 6,5 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano.

Entre os principais produtos lácteos exportados, destacaram-se o soro de leite, responsável por 39% do volume total embarcado, seguido pelo leite condensado (15%) e pelo creme de leite (11%).

Quanto aos destinos das exportações brasileiras, a China liderou as compras, com 22% do total exportado, seguida pelo Paraguai e Uruguai, com 9% e 8% de participação, respectivamente.



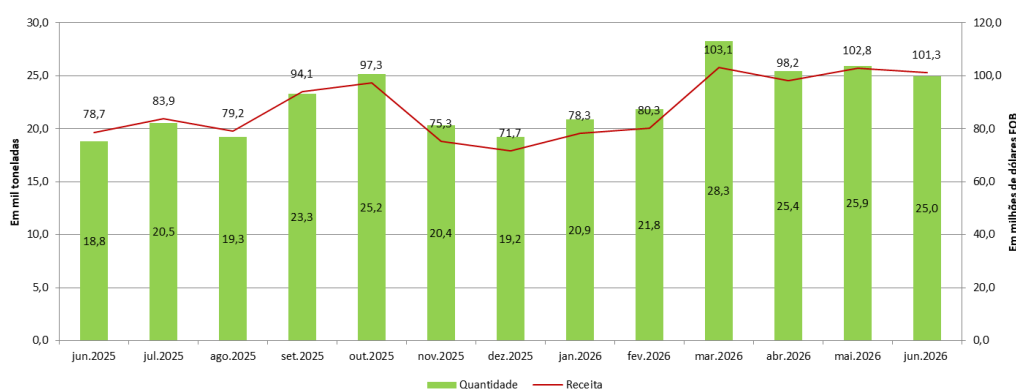
Figura 3 - Leite – Brasil: evolução das exportações mensais – (jun./2025 a jun./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, julho/2026

Em junho de 2026, o Brasil importou 25,0 mil toneladas de produtos lácteos (figura 4). Esse volume foi 3,5% inferior ao registrado em maio de 2026 (25,9 mil toneladas) e 33,0% superior ao observado em junho de 2025, quando as importações somaram 18,8 mil toneladas.

Figura 4 - Leite – Brasil: evolução das importações mensais – (jun./2025 a jun./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, jul./2026

Em termos de valor, as importações totalizaram 101,3 milhões de dólares (FOB), o que representa uma redução de 1,5% em relação a maio de 2026 (102,8 milhões de dólares). Na comparação com junho de 2025, quando haviam alcançado 78,7 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se um crescimento de 28,7%.



Entre os principais produtos lácteos importados, destacou-se o leite em pó, responsável por 67% do volume total, seguido pelos queijos (24%) e pelo soro de leite (5%).

Quanto à origem das importações, a Argentina liderou como principal fornecedor, com 62% do total, seguida por Uruguai (25%) e Paraguai (9%).

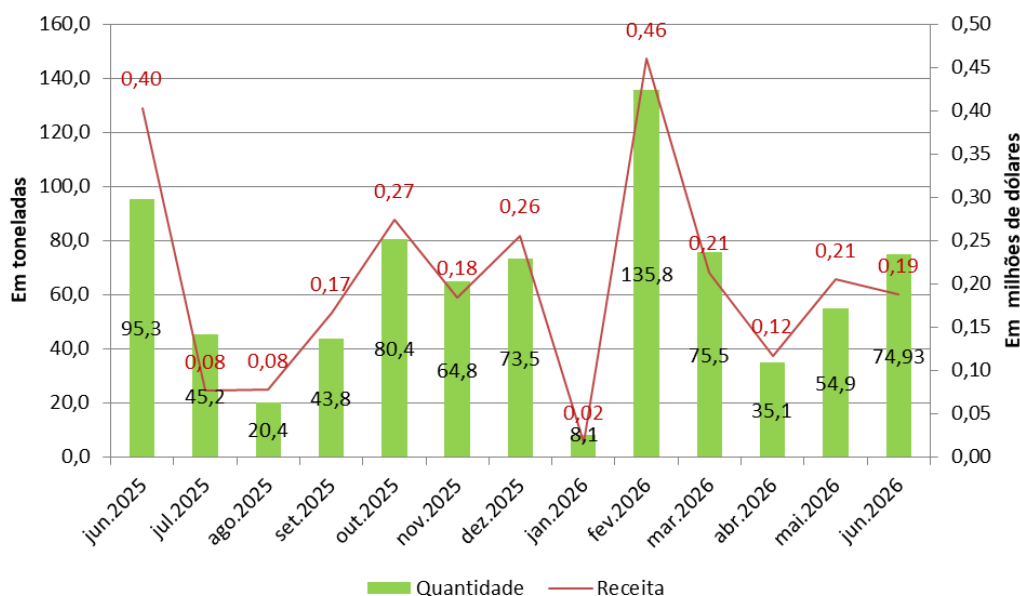
A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em junho de 2026, um déficit de 22,4 mil toneladas (resultado de 25,0 mil toneladas importadas menos 2,6 mil toneladas exportadas). Esse volume foi estável (0%) em relação ao registrado em maio de 2026, quando o déficit também havia sido de 22,4 mil toneladas.

Na comparação com junho de 2025, período em que o déficit alcançou 16,2 mil toneladas (18,8 mil toneladas importadas menos 2,6 mil toneladas exportadas), observa-se um aumento de aproximadamente 38,3%.

Balança Comercial Láctea Catarinense

Em junho de 2026, Santa Catarina exportou 74,9 toneladas de produtos lácteos (figura 5), volume 36,4% superior ao registrado em maio de 2026 (54,9 toneladas). Na comparação com junho de 2025, quando as exportações somaram 95,3 toneladas, observa-se uma retração de 21,4%.

Figura 5 - Leite - SC: evolução das exportações mensais - (jun./2025 a jun./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, julho/2026

Em termos de valor, as exportações geraram uma receita de 0,19 milhão de dólares (FOB), o que representa uma redução de 9,5% em relação a maio de 2026 (0,21 milhão de dólares). Na comparação com junho de 2025, período em que a receita havia alcançado 0,40 milhão de dólares, observa-se uma queda de 52,5% a preços correntes daquele ano.



Entre os principais produtos lácteos exportados, destacou-se o leite em pó, responsável por 38% do volume total embarcado, seguida pelo leite condensado (32%) e leite fluido (27%).

Quanto aos destinos das exportações, São Vicente e Granadinas liderou as compras, com 33% do total exportado, seguido pelo Chile (30%) e pelo Uruguai (22%).

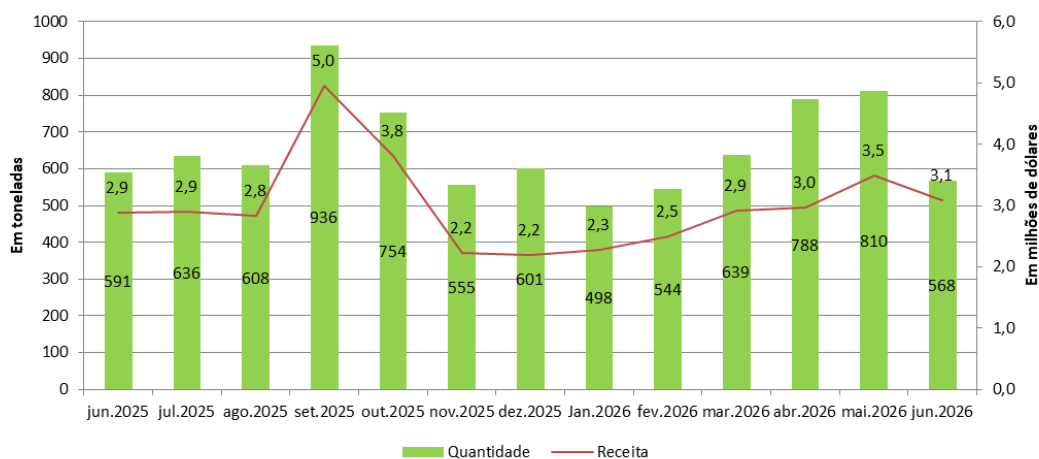
Em junho de 2026, Santa Catarina importou 568 toneladas de produtos lácteos (figura 6). Esse volume foi 29,9% inferior ao registrado em maio de 2026 (810 toneladas) e 3,9% inferior ao observado em junho de 2025, quando as importações somaram 591 toneladas.

Em termos de valor, as importações totalizaram 3,1 milhões de dólares (FOB), o que representa uma retração de 11,4% em relação a maio de 2026 (3,5 milhões de dólares). Na comparação com junho de 2025, quando haviam alcançado 2,9 milhões de dólares, a preços correntes daquele ano, observa-se um crescimento de 6,9%.

Entre os principais produtos lácteos importados por Santa Catarina, destacaram-se os queijos, responsável por 67% do volume total, seguido pelo leite em pó (18%) e demais gorduras (12%).

Quanto à origem das importações, a Argentina foi o principal fornecedor, com 86% do total importado, seguida pelo Uruguai (11%) e Alemanha (3%).

Figura 6 - Leite – SC: evolução das importações mensais – (jun./2025 a jun./2026)



Fonte: Comex Stat/Mdic, julho/2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em junho de 2026, um déficit de aproximadamente 493,07 toneladas (resultado de importações de 568,00 toneladas e exportações de 74,93 toneladas). Esse saldo negativo representou uma redução de 34,7% em relação a maio de 2026, quando o déficit havia sido de aproximadamente 755,35 toneladas.

Na comparação com junho de 2025, período em que o déficit alcançou cerca de 495,70 toneladas, observa-se uma redução de aproximadamente 0,5% no saldo negativo da balança comercial catarinense de lácteos.



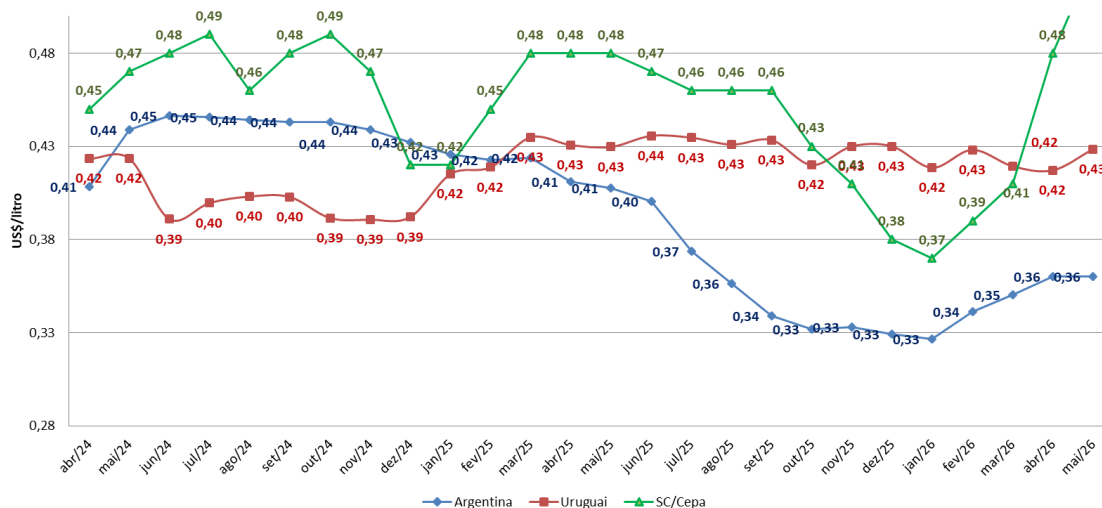
Preços dos Látneos

Preços Internacionais

Os dados do *Instituto Nacional de la Leche (Inale)* e da *Dirección Nacional de Lechería (DNL)* para os preços pagos ao produtor de leite uruguaio e argentino, respectivamente, indicam que os valores pagos pela indústria catarinense aos produtores permaneceram, na maior parte do período analisado, superiores aos praticados no Uruguai e na Argentina (Figura 7). Enquanto o mercado uruguaio demonstrou estabilidade entre março e maio de 2026, sustentando a média de US\$ 0,43/litro, as cotações argentinas consolidaram uma lenta recuperação após o piso de janeiro, subindo de US\$ 0,35/litro em março para US\$ 0,36/litro em abril e maio.

Em contrapartida, após registrar seu menor patamar em janeiro (US\$ 0,37/litro), o leite catarinense engatou uma forte tendência de alta no último trimestre analisado. O preço saltou de US\$ 0,41/litro em março para US\$ 0,48/litro em abril, estendendo o movimento de valorização em maio. Esse cenário acentuou o diferencial de preços em relação aos vizinhos do Mercosul, reduzindo a competitividade do produto catarinense frente às cotações internacionais da região, especialmente em comparação com o leite argentino.

Figura 7 - Preço pago ao produtor pelo litro do leite na Argentina, Uruguai e Santa Catarina

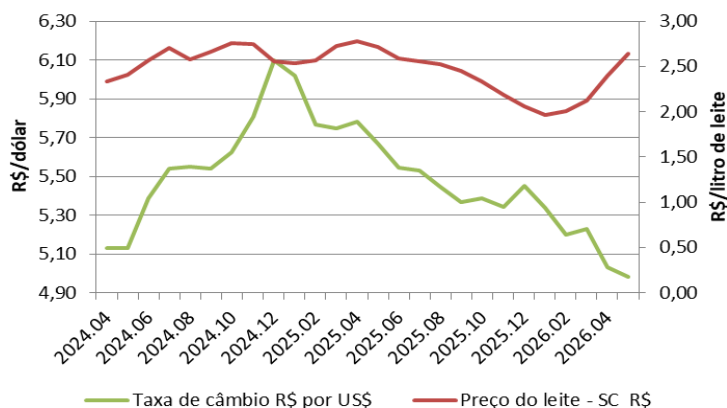


Fonte: Dirección Nacional de Lechería - Argentina, Inale - Uruguai, Epagri/Cepa- Santa Catarina. jul./2026

Esse avanço dos preços em Santa Catarina reflete tanto a valorização real do produto no mercado interno quanto o efeito cambial do período. Enquanto o preço do leite pago ao produtor em moeda nacional (R\$) registrou uma alta de 31% no último trimestre, a variação cambial— marcada por uma sutil valorização de 4% da moeda nacional frente ao dólar— contribuiu para consolidar o forte incremento no preço do produto quando convertido e comparado em base internacional (figura 8).



Figura 8 - Taxa de Câmbio do real frente ao dólar e o preço do leite pago ao produtor em Santa Catarina

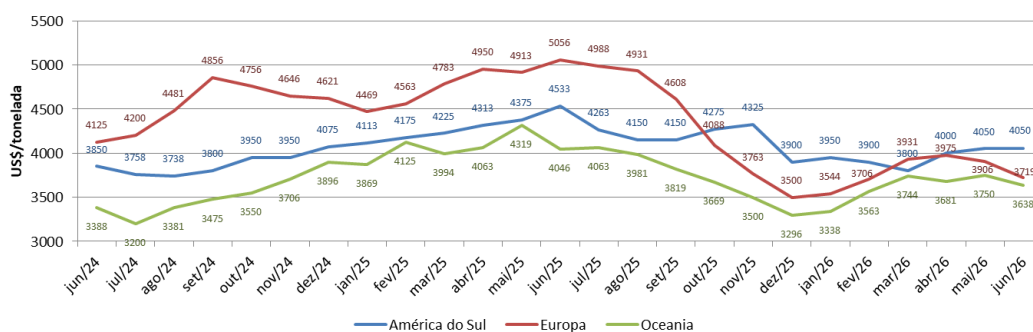


Fonte: IPEA e Epagri/Cepa, jul./2026
Valores médios mensais.

Dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam que nos últimos 25 meses, o leite em pó integral atingiu o pico de valores em junho de 2025, iniciando uma tendência de queda generalizada a partir de então. Ao longo do período, a Oceania manteve os menores preços, enquanto a Europa registrou os maiores patamares até setembro de 2025 (figura 9). Em outubro, a América do Sul ultrapassou o mercado europeu e encerrou o ano com a maior média (US\$ 3.900,00/tonelada), o que reduziu a sua competitividade internacional, apesar de ter mostrado menor volatilidade frente às demais regiões.

No acumulado de 2025 (janeiro a dezembro), a redução mais expressiva ocorreu na Europa, onde o preço recuou cerca de 22%, passando de US\$ 4.469,00 para US\$ 3.500,00. Na Oceania e na América do Sul, as quedas foram de 15% (para US\$ 3.296,00) e 5% (para US\$ 3.900,00), respectivamente. Após o fechamento do ano, o primeiro semestre de 2026 mostrou um movimento de gradual recuperação para os três mercados analisados. Com isso, no mês de junho, a tonelada do leite em pó atingiu US\$ 4.050,00 na América do Sul, valor que superou os patamares da Europa (US\$ 3.719,00) e da Oceania (US\$ 3.638,00).

Figura 9 - Valor FOB para o leite em pó integral



Fonte: USDA, jul./2026
Valores médios mensais

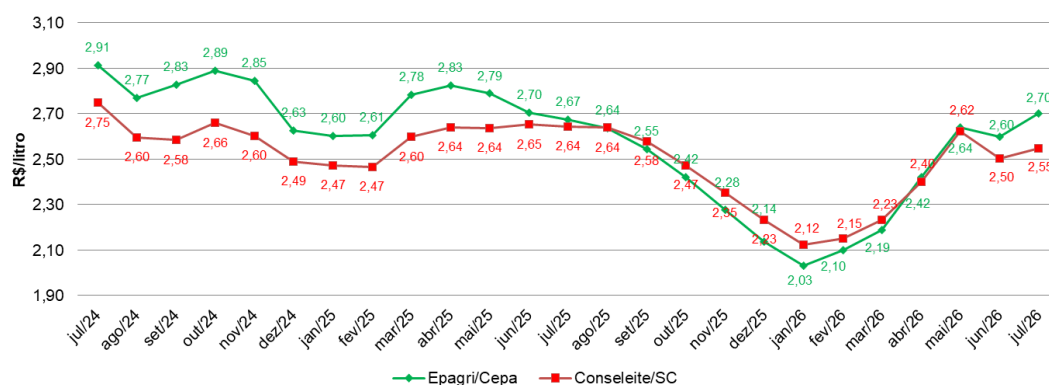


Preços estadual

Leite cru - Preço de referência Conseleite e Preço pago ao produtor Epagri/Cepa

No dia 25 de junho, o Conseleite SC realizou sua sexta reunião de 2026, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o leite padrão. O valor de referência nominal para o mês de junho foi de R\$ 2,5015 por litro, ao passo que a projeção para o leite entregue em junho e pago em julho foi de R\$ 2,5472 por litro (figura 10).

Figura 10 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (jul./2024 a jul./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Os preços pagos ao produtor de leite em Santa Catarina, após registrarem um recuo em junho, voltaram a apresentar reação no mês de julho de 2026. O movimento de recuperação recente interrompeu a queda temporária registrada no mês anterior, tendência que se reflete tanto na série histórica da Epagri/Cepa quanto nos valores de referência do Conseleite/SC (figura 10).

Analisando o trimestre mais recente, a série da Epagri/Cepa mostra que o preço médio do produtor atingiu R\$ 2,64 por litro em maio, recuou para R\$ 2,60 por litro em junho (queda de 1,5%) e subiu fortemente para R\$ 2,70 por litro em julho, um avanço de R\$ 0,10 por litro (+3,8%) na comparação mensal imediata. No comparativo interanual, o preço médio de julho de 2026 (R\$ 2,70) superou em R\$ 0,03 por litro (+1,1%) o valor registrado em julho de 2025, que havia sido de R\$ 2,67 por litro.

Preços dos derivados - Santa Catarina

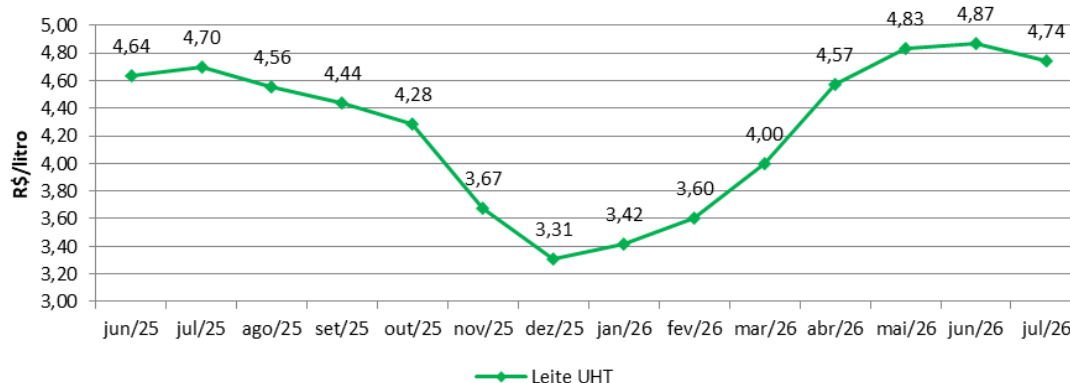
Leite UHT

No início do segundo semestre de 2026, o mercado atacadista de leite UHT registrou um recuo em seus preços, após operar em patamares elevados e atingir o topo da curva no mês anterior (figura 11).



- Comparativo Mensal (Julho/26 vs. Junho/26): Na transição de junho para julho de 2026, o preço médio do litro recuou de R\$ 4,87 para R\$ 4,74, representando uma retração de R\$ 0,13 (-2,7%) e sinalizando uma perda de fôlego nas cotações do atacado.
- Comparativo Anual (Julho/26 vs. Julho/25): Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o valor corrigido pelo IGP-DI estava em R\$ 4,70/litro, o preço atual de R\$ 4,74/litro representa uma valorização real de apenas R\$ 0,04 (0,9%).

Figura 11 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado – (jun./2025 a jul./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

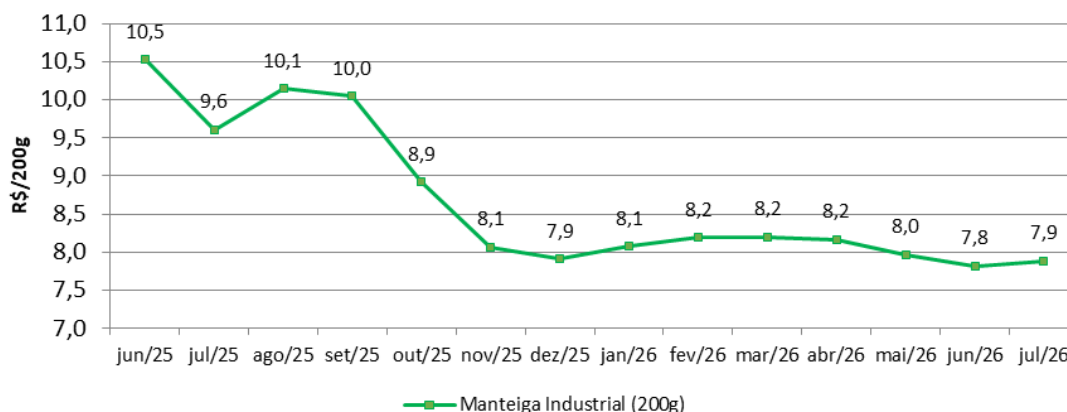
Manteiga

No início do segundo semestre de 2026, o preço da manteiga industrial (200g) interrompeu a sequência recente de quedas e apresentou uma leve reação, deixando o menor patamar histórico do período analisado (figura 12).

- Comparativo Mensal (Julho/26 vs. Junho/26): Na transição de junho para julho de 2026, o preço médio por embalagem de 200g subiu de R\$ 7,80 para R\$ 7,90, representando um incremento de R\$ 0,10 (1,3%).
- Comparativo Anual (Julho/26 vs. Julho/25): Em relação ao mesmo período do ano anterior, quando o valor corrigido pelo IGP-DI estava em R\$ 9,60, o preço atual de R\$ 7,90 representa uma desvalorização real de R\$ 1,70 (-17,7%).



Figura 12 - Manteiga Industrial (200g) - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (jun./2025 a jul./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

Queijo Mussarela

No início do segundo semestre de 2026, o preço do queijo mussarela no atacado retomou a tendência de alta observada nos meses anteriores, superando os patamares de junho (figura 13).

- **Comparativo Mensal (Julho/26 vs. Junho/26):** Entre junho e julho de 2026, o preço médio do quilo avançou de R\$ 33,9 para R\$ 34,8, registrando uma alta de R\$ 0,90 (+2,7%).
- **Comparativo Anual (Julho/26 vs. Julho/25):** Na comparação interanual, o mercado opera em patamar superior ao verificado no mesmo período do ano anterior. O valor atual de R\$ 34,8/kg representa uma valorização real de R\$ 1,70 (+5,1%) frente aos R\$ 33,1/kg registrados em julho de 2025.

Queijo Prato

O mercado atacadista de queijo prato registrou forte alta no fechamento do mês de julho, acompanhando o movimento de recuperação verificado na mussarela (figura 13).

- **Comparativo Mensal (Julho/26 vs. Junho/26):** Na transição de junho para julho de 2026, o preço médio avançou de R\$ 33,8/kg para R\$ 35,8/kg, o que representa um acréscimo de R\$ 2,00 (+5,9%).
- **Comparativo Anual (Julho/26 vs. Julho/25):** Confrontando com julho de 2025, período em que o quilo estava cotado a R\$ 34,7, o preço atual de R\$ 35,8/kg indica uma valorização real de R\$ 1,10 (+3,2%).

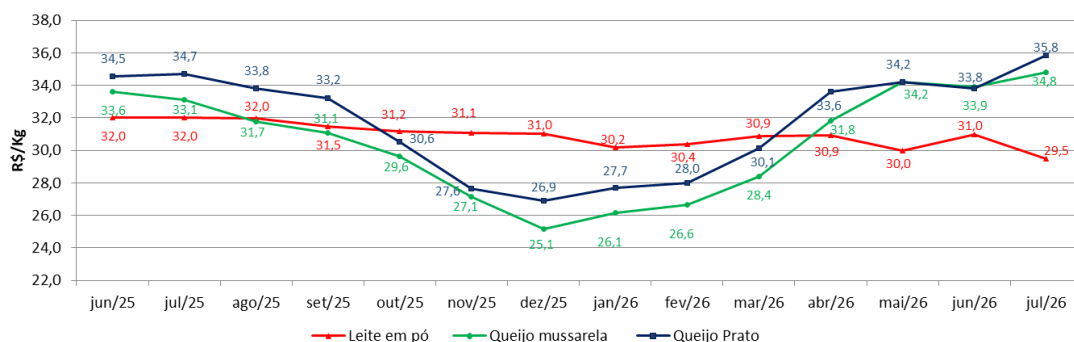
Leite em Pó

Diferenciando-se do comportamento dos queijos, o leite em pó apresentou desvalorização expressiva e fechou o mês de julho em queda no mercado atacadista (figura 13).



- **Comparativo Mensal (Julho/26 vs. Junho/26):** Entre junho e julho de 2026, o preço médio do produto recuou de R\$ 31,0/kg para R\$ 29,5/kg, assinalando uma queda de R\$ 1,50 (-4,8%).
- **Comparativo Anual (Julho/26 vs. Julho/25):** Na comparação com o mesmo período do ano anterior, quando o quilo estava cotado a R\$ 32,0, o preço atual de R\$ 29,5/kg representa uma retração real de R\$ 2,50 (-7,8%).

Figura 13 - Produtos Lácteos - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (jun./2025 a jul./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, jul./2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

Variação dos preços por praça

Em junho de 2026, o preço médio pago ao produtor pelo litro de leite consolidado apresentou um comportamento misto entre as praças catarinenses pesquisadas na comparação com o mês anterior (tabela 2). No confronto interanual, o cenário também se mostrou heterogêneo, com predominância de quedas, mas registrando estabilidade e leve reação em praças específicas na comparação com junho de 2025.

- **Comparativo Mensal (Junho/26 vs. Maio/26):** O movimento de desvalorização mensal foi liderado pelo Meio Oeste (-4%, passando de R\$ 2,57 para R\$ 2,48) e pelo Alto Vale do Rio do Peixe (-3%, de R\$ 2,50 para R\$ 2,42). Também registraram recuo o Extremo Oeste (-2%, de R\$ 2,64 para R\$ 2,59) e o Oeste (-1%, de R\$ 2,72 para R\$ 2,70). Em contrapartida, o Litoral Norte apresentou uma alta de 7% (passando de R\$ 2,57 para R\$ 2,75), seguido por leves incrementos de 1% na Grande Florianópolis (de R\$ 2,86 para R\$ 2,90) e no Litoral Sul (de R\$ 2,64 para R\$ 2,66).
- **Comparativo Anual (Junho/26 vs. Junho/25):** No confronto interanual, a retração mais expressiva ocorreu no Extremo Oeste (-7%), onde o preço recuou de R\$ 2,78 para R\$ 2,59, seguido pelo Meio Oeste (-6%, de R\$ 2,63 para R\$ 2,48) e Litoral Sul (-2%, de R\$ 2,70 para R\$ 2,66). Em sentido oposto, o Litoral Norte registrou uma leve alta real de 1% (passando de R\$ 2,74 para R\$ 2,75) e a praça do Oeste manteve-se estável (0%). Para as praças do Alto Vale do Rio do Peixe e Grande Florianópolis, não há informações comparáveis para junho de 2025.



Tabela 2 - Leite – Comparativo de preços pagos ao produtor por praças em Santa Catarina (litro)

Praça	Jun./2026	Mai./2026	Var. mensal (%)	Jun./2025 (%)	Var. anual (%)
Alto Vale do Rio do Peixe	2,42	2,50	-3	-	-
Extremo Oeste	2,59	2,64	-2	2,78	-7
Grande Florianópolis	2,90	2,86	1	-	-
Litoral Norte	2,75	2,57	7	2,74	1
Litoral Sul	2,66	2,64	1	2,70	-2
Meio Oeste	2,48	2,57	-4	2,63	-6
Oeste	2,70	2,72	-1	2,69	0

Fonte: Epagri/Cepa, Jul./2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI

Além da moda, ou da média na ausência desta, a Epagri Cepa também coleta os preços mínimo e máximo por informante. No estado, a menor média de preço mínimo pago pelos laticínios aos produtores foi registrada na UGT do Alto Vale do Rio do Peixe (R\$ 1,99/litro), ao passo que a maior média foi observada na UGT da Grande Florianópolis (R\$ 3,27/litro).

Custo de Produção

Em junho de 2026, a Epagri/Cepa publicou as estimativas de custos de produção do Conseleite/SC. A Tabela 3 apresenta os diferentes custos por sistema, dispostos do Sistema 1 (menos tecnificado) ao Sistema 5 (mais tecnificado), com valores corrigidos pelo IGP-DI para o mês de abril de 2026.

Tabela 3 - Leite – Custo de Produção do Leite

Custo	Sistema	Abr./26	Out./25	Variação (abr./out.-2025) (%)	Abr./25	Variação anual (%)	Preço leite R\$/litro	Resultado operacional R\$/litro
Custo variável (R\$/litro)	1	1,77	1,68	5	1,65	8	-	-
	2	1,86	1,78	4	1,74	7	-	-
	3	1,85	1,79	4	1,75	6	-	-
	4	1,93	1,89	2	1,84	5	-	-
	5	2,14	2,11	1	2,07	4	-	-
Custo operacional / atividade (R\$/litro)	1	2,24	2,16	3	2,14	5	-	-
	2	2,15	2,07	4	2,04	6	-	-
	3	2,10	2,02	4	1,99	5	-	-
	4	2,14	2,10	2	2,05	5	-	-
	5	2,35	2,33	1	2,32	1	-	-
Custo Operacional / leite (R\$/litro)	1	1,99	1,93	3	1,87	6	2,16	0,17
	2	1,90	1,83	4	1,77	8	2,40	0,50
	3	1,98	1,90	4	1,87	6	2,64	0,66
	4	1,99	1,96	2	1,89	5	2,76	0,77
	5	2,23	2,21	1	2,20	1	2,88	0,65
Custo médio ponderado/atividade (R\$/litro)	Todos os sistemas	2,19	2,12	3	2,10	4	-	-
Custo médio ponderado/leite (R\$/litro)	Todos os sistemas	2,02	1,96	3	1,92	5	2,61	0,59

Fonte: Conseleite/SC. Elaboração: Epagri/Cepa (jul./2026).

Valores corrigidos pelo IGP-DI (abr./2026)



No que se refere ao custo variável, o Sistema 1 registrou os maiores incrementos percentuais: alta de 5% em relação a outubro de 2025 (mês da última coleta) e aumento anual de 8% frente a abril de 2025.

Para o custo operacional da atividade, o Sistema 2 destacou-se com as maiores elevações do período, acumulando alta de 4% na comparação semestral e de 6% na anual, atingindo R\$2,15/litro em abril de 2026. Comportamento semelhante foi observado no custo operacional do leite para este mesmo sistema, cujas variações foram de 4% no período e de 8% na comparação anual, encerrando abril de 2026 em R\$1,90/litro.

Por fim, a média ponderada dos custos operacionais da atividade e do leite apresentou, respectivamente, aumentos de 3% no período (out./25) e de 4% e 5% na comparação anual (abr./25). Com isso, os valores médios fecharam o mês de abril de 2026 em R\$2,19/litro para a atividade e R\$2,02/litro para o leite.

Apesar das altas no preço do leite, o avanço nos custos de produção comprometeu o resultado operacional da atividade. O Sistema 1 foi o mais impactado, registrando uma queda de 29% no período de outubro de 2025 a abril de 2026 e uma retração anual de 74% (tabela 4). Este sistema obteve as menores margens, fechando o período em apenas R\$ 0,17/litro (figura 14). No outro extremo, o Sistema 4 apresentou desempenhos superiores aos demais em todos os três meses analisados, atingindo R\$ 0,77 por litro de leite em abril de 2026.

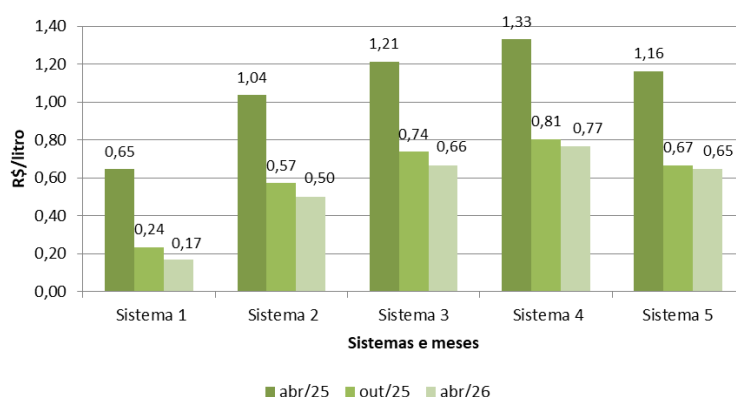
Tabela 4 - Leite – Variação dos resultados operacionais do leite

Sistema	Abr./25	Out./25	Abr./26	Variação (out.25/abr.26) (%)	Variação (abr./25-abr./26) (%)
1	0,65	0,24	0,17	-29	-74
2	1,04	0,57	0,50	-12	-52
3	1,21	0,74	0,66	-11	-45
4	1,33	0,81	0,77	-5	-42
5	1,16	0,67	0,65	-3%	-44

Fonte: Conseleite/SC. Elaboração: Epagri/Cepa (ago./2026)

Valores corrigidos pelo IGP-DI (abr./2026).

Figura 14 - Resultado Operacional do Leite para os meses de abr./2025, out./2025 e abr./2026 por Sistema



Fonte: Conseleite/SC. Elaboração: Epagri/Cepa (ago./2026)

Valores corrigidos pelo IGP-DI (abr./2026)



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola